

ANNO 1°

25 de Julho de 1897

NUMERO 3.

REVISTA MODERNA

Publicação Quinzenal Illustrada

Director - M. Bolelho.



Redacção e Administração.

48 Rue de Laborde

Paris

A *Revista Moderna*, terminando com o presente numero o seu periodo de installação e de organisação, começará a ser **QUINZENAL**, isto é a apparecer regularmente **NOS DIAS 5 e 20** de cada mez, como anteriormente fôra annunciado. O proximo numero apparecerá pois no dia **20 DE AGOSTO**.

Aos nossos leitores,

A REVISTA MODERNA, fundada com capitaes proprios e realisados, impoz-se o dever de crear um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artistica do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e illustrada, sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico.

A realisação d'este pequeno, mas difficil, programma exigia, antes de tudo, uma collaboraço emminente superior e a influencia de grandes espiritos criticos que, permanentemente, orientassem a sua perfeita e completa execuço.

Julgamos poder dizer aos nossos leitores que, com felicidade, encontramos a soluço d'este problema, dando á nossa REVISTA a valiosa collaboraço de **EÇA DE QUEIROZ** cuja authoridade é indiscutivel em todo o mundo culto de Brazil e Portugal.

Em torno d'esse grande nome a REVISTA MODERNA conseguiu, ainda, reunir um grupo de redactores escolhidos, d'entre os mais notaveis da nossa litteratura, os quaes, especializando-se nas diversas secço es do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjuneto.

AS QUESTÕES POLITICAS SERÃO RIGOROSAMENTE BANIDAS DO NOSSO PROGRAMMA, E A LUCTA DE PARTIDOS NÃO ENCONTRARÁ O MENOR ECHO, NAS NOSSAS COLUMNS.

O lado material que tão justamente impressiona o espirito publico e que tanto agrada aos amadores de publicações artisticas e bem feitas, incumbe aos ultimos e aperfeço ados processos da typographia e da gravura.

A variedade da nossa illustraço, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execuço impecavel da mesma, será o objecto da nossa constante attenço.

Esperamos assim, poder fazer uma revista verdadeiramente moderna, um completo **magazine** pela variedade dos assumptos e uma **illustraço** de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos.

Iniciando uma publicação d'este genero, não ignoramos as difficuldades e as decepço es que nos podem acolher; mas, sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer os dedicamos ao Publico, em cujas mãos collocamos o successo da nossa REVISTA.

A imprensa Portugueza e Brazileira, sempre justa ás ideias boas e sinceras, estamos certos, dará á nossa publicação o lugar que lhe compete.

A DIRECÇÃO.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um **CORREIO ILLUSTRADO** creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na *Revista Moderna*, incumbe ao seu respectivo autor.

A REVISTA MODERNA acaba de obter do imminente escriptor **EÇA DE QUEIROZ**, o direito de publicação de um grande romance inedito :

A ILLUSTRRE CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente pois, a REVISTA MODERNA começará a publicação — com numerosas e ricas illustrações — do grande romance :

A ILLUSTRRE CASA DE RAMIRES

POR

EÇA DE QUEIROZ

no 3

CHRONICA

Carta a Bento

MEU CARO BENTO. — A tua idéa de fundar um jornal, um vasto Diario, grandemente chamado a *Verdade*, é uma idéa damninha e execravel. Lançando, e em formato rico, com telegrammas e chronicas, uma outra « d'essas folhas impressas que apparecem todas as manhãs » como diz tão assustada e pudicamente o Arcebispo de Paris, tu vaes concorrer no teu tempo e na tua terra — para que?... Para que se aligeirem mais os Juizos ligeiros, se exacerbe mais a Vaidade, e se endureça mais a Intolerancia! Juizos ligeiros, Vaidade, Intolerancia — eis tres negros peccados sociaes que, moralmente, matam uma Sociedade... E tu alegremente te preparas para os aticar! Inconsciente como uma peste espalhas sobre as almas a morte. Já decerto o Diabo está atirando mais braza para debaixo da caldeira de pez, em que, depois do Julgamento, recozerás e ganirás, meu Bento e meu reprobó!

Não penses que, moralista amargo, exagero como qualquer S. João Chrysostomo. Considera antes como foi incontestavelmente a Imprensa que, com a sua maneira superficial, leviana e atabalhoada de tudo afirmar, de tudo julgar, mais enraigou no nosso tempo o funesto habito dos juizos ligeiros. Em todos os seculos, decerto, se improvisaram estouvadamente opiniões: o Grego era considerado e garrulo; já Moysés, no longo Deserto, soffria com o murmurar variavel dos Hebreus; mas nunca, como no nosso seculo apressado, essa improvisação impudente se tornou a operação natural do entendimento. Com excepção de alguns philosophos escravizados pelo Methodo, e d'alguns devotos roídos pelo Escrupulo, todos nós hoje nos deshabitamos, ou antes nos desembaraçamos alegremente, do penoso trabalho de *verificar*. É com impressões errantes que construímos as nossas massiças conclusões. Para julgar em Politica o facto mais complexo, largamente nos contentamos com um boato, mal escutado a uma esquina, n'uma manhã de vento. Para apreciar em Litteratura o livro mais profundo, atulhado de idéas novas, que o amor de laboriosos annos fortemente encadeou — apenas nos basta folhear aqui e além uma pagina, através do fumo escurecedor

do charuto. Principalmente para condemnar a nossa ligeireza é fulminante. Com que soberana facilidade declaramos — « Este é uma besta! Aquelle é um bandido! » Para proclamar — « É um genio! » ou « É um santo! » offerecemos uma resistencia mais esculpada. Mas ainda assim, quando uma boa digestão ou a macia luz d'um céu de maio nos inclinam á benevolencia, tambem concedemos bizarramente, e só com lançar um olhar distraído sobre o eleito, a Corôa ou a Aureola — e ali empurramos para a popularidade um maganão enfeitado de louros ou nimbado de raios! Assim passamos o nosso bemdito dia a estampar rotulos definitivos no dorso dos homens e das coisas. Não ha acção individual ou collectiva, personalidade ou obra humana, sobre que não estejamos promptos a promulgar supremamente uma opinião decretal. É a opinião tem sempre e apenas por base aquelle pequenino lado do facto, do homem, da obra, que perpassou n'um relance ante os nossos olhos escorregadios e fortuitos. Por um gesto julgamos un caracter: por um caracter avaliamos um povo. Um inglez, com quem outr'ora viajei pela Asia, varão douto, collaborador de *Revistas*, socio de Academias, considerava os Francezes todos, desde os senadores até aos varredores, como « porcos e ladrões »... Porquê, meu Bento? Porque em casa de seu sogro houvera um eseudeiro, vagamente oriundo de Dijon, que não mudava de collarinho e surripiava os charutos. Este inglez illustra magistralmente a formação escandalosa das nossas generalisações.

E quem nos tem enraizado estes habitos de desoladora leviandade? O Jornal — o Jornal, que offerece cada manhã, desde a chronica até aos annuncios, uma massa espumante de juizos ligeiros, improvisados na vespera, á meia noite, entre o silvar do gaz e o fervilhar das chalaças, por excellentes rapazes que rompem pela redacção, agarram uma tira de papel, e, sem tirar mesmo o chapéo, decidem com dois rabiscos da penna sobre todas as coisas da Terra e do Céu. Que se trate d'uma revolução do Estado, da solidez d'um Banco, d'uma comedia ou d'um descarrillamento, o rabisco da penna, com um traço, esparrinha e julga. Nenhum estudo, nenhum documento, nenhuma

certeza... Ainda esta primavera, meu Bento, um alto jornal de Paris, commentando a situação economica e politica de Portugal, affirmava, e com um apumado saber, que « em Lisboa os filhos das mais illustres familias da aristocracia se empregam como *carregadores da alfandega*, e ao fim de cada mez mandam receber as soldadas *pelos seus lacaios!* » Que dizes tu aos herdeiros das cazas historicas de Portugal, carregando pipas de azeite no caes da alfandega, e conservando criados de farda para lhes ir receber o salario? Estas pipas, estes fidalgos, estes lacaios de carregadores, formam uma deliciosa e chimerica alfandega que é menos das *Mil e Uma Noites*, que das Mil e Uma Asneiras. Mas assim o ensinou um jornal consideravel, rico, bem provido de Encyclopedias, de Mappas, de Estatisticas, de Telephones, de Telegraphos, com uma collaboração muito erudita, pingüemente remunerada, que conhece a Europa, pertence á Academia das Sciencias Moraes e Sociaes, e legisla no Senado! E tu, Bento, no teu jornal, fornecido tambem de Encyclopedias e de Telephones, vaes com penna sacudida lançar sobre a França e sobre a China, e sobre o desventuroso Universo que se torna assumpto e propriedade tua, juizos tão solidos e comprovados como os que aquella bemdita gazeta archivou definitivamente ácerca da nossa alfandega e da nossa fidalguia...

Este é o primeiro peccado, bem negro. Considera agora outro, mais negro. Pelo jornal, e pela reportagem que será a sua função e a sua força, tu desenvolverás no teu tempo e na tua terra todos os males da Vaidade! A reportagem, bem sei, é uma util abastecedora da Historia... Decerto importou saber se era adunco ou chato o nariz de Cleopatra, pois que do feitio d'esse nariz dependeram, durante algum tempo, de Philippes a Actium, os destinos do Universo. E quantos mais detalhes a esfuracadora bisbilhotice dos reporters revelar sobre o snr. Renan, e os seus moveis e a sua roupa branca, tantos mais elementos positivos possuirá o seculo xx para reconstruir com segurança a personalidade do auctor das *Origens do Christianismo*, e, através d'ella, comprehender a obra. Mas, como a reportagem hoje se exerce, menos sobre os que influem nos negocios do Mundo ou nas direcções do Pensamento, do que (como diz a Biblia) sobre « toda a sorte e condições de gente van », desde os jockeys até aos assassinos, a sua indiscriminada publicidade concorre pouco para a documentação da Historia — e prodigiosamente, escandalosamente, para a propagação das vaidades!

O jornal é com effeito o folle incansavel que assopra a vaidade humana, lhe irrita, lhe alastra a chamma. Em todos os tempos ella imperou, a vaidade do homem! Já sobre ella gemeu o gemebundo Salomão; e por ella se perdeu Alcibiades, talvez o maior dos Gregos. Incontestavelmente, porém, meu Bento, nunca a vaidade foi, como no nosso damnado seculo xix, o motor offegante do pensamento e da conducta. N'estes estados de

Civilização, ruidosos e ôcos, tudo deriva da vaidade, tudo tende á vaidade. E a forma nova da vaidade para o civilisado consiste em ter o seu nome impresso no jornal, a sua pessoa commentada no jornal! *Vir no jornal!* eis hoje a impaciente aspiração e a recompensa suprema! Nos regimens aristocraticos o esforço era obter, senão já o favor, ao menos o sorriso do Príncipe. Nas nossas democracias a ancia da maioria dos mortaes é alcançar em sete linhas o louvor do jornal. Para se conquistarem essas sete linhas bemditas, os homens praticam todas as acções — mesmo as boas... Mesmo as boas, meu Bento! O « nosso generoso amigo Z » só manda os cem mil reis á Creche, para que a gazeta exalte os cem mil reis de Z, nosso amigo generoso! Nem é mesmo necessario que as sete linhas conttenham muito mel e muito incenso: basta que ponham o nome em evidencia, bem negro, n'essa tinta cujo brilho é mais appetecido que o formoso nimbo d'ouro do tempo das Santidades. E não ha classe que não ande devorada por esta fome morbida do reclamo. Ella é tão roedora nos seres de exterioridade e de mundanidade, como n' aquelles que só pareciam amar na vida, como a sua forma melhor, a quietação e o silencio... Bem te lembrás do tempo de Quaresma, e do seu luxo e da sua litteratura. N'essas semanas de peixe e cinzas surdem todos os frades dominicanos, do fundo dos seus claustros, a prégar nos pulpitos de Paris. E porque são então esses sermões sensacionaes, d'uma arte profana e theatral, com exhibições de psychologia amorosa, com affectações de anarchismo evangelico, e tão creadores de escandalo que Paris corre mais gulosamente a Notre-Dame em tarde de Dominicano do que ao theatro em noite de Coquelin ou Sarah? Porque os monges, filhos de S. Domingos, querem setenta linhas nos jornaes do Boulevard e toda a celebridade dos histriões! O jornal estende sobre o mundo as suas duas folhas, salpicadas de preto como as duas azas com que os iconographistas do seculo xv representavam a Luxuria e a Gula: e o Mundo todo se arremessa para o jornal, se quer agachar sob as duas azas que o levem á gloriola, lhe espalhem o nome pelo ar sonoro. E é por essa gloriola que os homens se perdem, e as mulheres se aviltam, e os Politicos desmancham a ordem do Estado, e os Artistas rebolam na extravagancia esthetica e os Sabios alardeiam theorias mirabolantes, e de todos os cantos, em todos os generos, salta a horda ululante dos charlatães... (Já sorris, me alcunhas de altiloquente e roncante!...) Mas reconhece a verdade, meu Bento! Vê quantos preferem ser injuriados a serem ignorados (os homenzinhos de letras, as poetisas, os dentistas, etc.)! O proprio mal appetece sofregamente as sete linhas que o maldizem. Para apparecerem no jornal, ha assassinos que assassinam! Até o velho instincto da conservação cede ao novo instincto da notoriedade: e existe tal maganão, que, anté um funeral convertido em apothese pela abundancia das corôas, dos coches e dos prantos oratorios, lambe os beiços, pensativo, e deseja ser o morto.

N'este verão, uma manhã, muito cedo, entrei n'uma taberna de Montmartre a comprar phosphoros. Rente ao balcão de zinco, diante de dois copos de vinho branco, um meliante, que, pelas ventas chatas, o bigode hirsuto e pendente, o barrete de pelle de lontra, parecia (e era) um Huno, um sobrevivente das hordas d'Alarico — gritava gloriosamente para outro vadio imberbe e livido, a quem arremessára um jornal :

— É verdade, em todas as letras, o meu nome todo! Na segunda columna, logo em cima, onde diz: — *Hontem um infame e ignobil bandido...* Sou eu! O nome todo!

E espalhou lentamente em redor um olhar que triumphava. Eis-ahi, como agora se diz tão alambicadamente, um « estado d'alma »! Tu, Bento, vaes crear d'estes estados.

Depois considera o derradeiro peccado, negrissimo. Tu fundas, com o teu novo jornal, uma nova escola de Intolerancia. Em torno de ti, do teu partido, dos teus amigos, ergues um muro de pedra miuda e bem cimentada: dentro d'esse muro-sinho, onde plantas a tua bandeirola com o costumado lemma de *imparcialidade, desinteresse, etc.*, só haverá, segundo Bento e o seu jornal, intelligencia, dignidade, saber, energia, civismo: para além d'esse muro, segundo o jornal de Bento, só haverá necessariamente sandice, vileza, inercia, egoismo, traficancia! É a disciplina de Partido (e para te agradar entendo Partido no seu sentido mais amplo, abrangendo a Litteratura, a Philosophia, etc.) que te impõe fatalmente essa divertida separação das virtudes e dos vicios. Desde que penetras na batalha, nunca poderás admittir que a Razão ou a Justiça ou a Utilidade se encontrem do lado d'aquelles contra quem descarregas pela manhã a tua metralha silvante de adjectivos e verbos — porque então a decencia, se não já a consciencia, te forçariam a saltar o muro e desertar para esses justos. Tens de sustentar que elles são maleficos, desarrazoados, velhacos, e vastamente merecem o chumbo com que os trespassas. Das solas dos pés até aos teus raros cabellos, meu Bento, desde logo te cobre uma crosta de Intolerancia! Toda a idéa que se eleve para além do teu muro a condemnarás como funesta, sem exame, só porque appareceu dez braças adiante, do lado dos outros, que são os Reprobos — e não do lado dos teus, que são os Eleitos. Realisam esses outros uma obra? Bento não poupará prosa nem musculo para que ella pereça: e se, por entre as pedras que lhe atira, casualmente entrevê n'ella certa belleza ou certa utilidade, mais furiosamente apressa a sua demolição, porque seria mortificante para os seus amigos que alguma coisa de util ou de bello nascesse dos seus inimigos — e vivesse. Nos homens que vagam para além do teu muro, tu só verás peccadores; e quando entre elles reconhecesses S. Fran-

cisco d'Assis distribuindo aos pobres os derradeiros ceitis da Porciuncula, taparias a face para que tanta santidade te não amollecasse, e gritarias mais sanhudamente: — « Lá anda aquelle malandro a esbanjar com os vadios o dinheiro que roubou! »

Assim tu serás no teu jornal. E, em torno de ti, os que o compram e o adoptam lentamente e moralmente se fazem á tua imagem. Todo o jornal distilla intolerancia, como um alambique distilla alcool, e cada manhã a multidão se envenena aos goles com esse veneno capcioso. É pela acção do jornal que se azedam todos os velhos conflictos do mundo — e que as almas, deseangelizadas, se tornam mais rebeldes á indulgencia. A sociabilidade incessantemente amacia e arredonda as divergencias humanas, como um rio arredonda e alisa todos os seixos que n'elle rolam: e a Humanidade, que uma longa cultura e a velhice tem tornado docemente sociavel, tenderia a uma suprema pacificação — se cada manhã o jornal não avivasse os odios de Principios, de Classes, de Raças, e, com os seus gritos, os acirrasse como se acirram mastins até que se enfureçam e mordam. O jornal exerce hoje todas as funções malignas do defuncto Satanaz, de quem herdou a ubiqüidade; e é não só o Pae da Mentira, mas o Pae da Discordia. É elle que por um lado inflamma as exigencias mais vorazes — e por outro fornece pedra e cal ás resistencias mais iniquas. Vê tu quando se alastra uma grève, ou quando entre duas nações bruscamente se chocam interesses, ou quando, na ordem espirital, dois credos se confrontam em hostilidade: o instincto primeiro dos homens, que o abuso da Civilização material tem amollecido e desmarcializado, é murmurar *paz! juizo!* e estenderem as mãos uns para os outros, n'aquelle gesto hereditario que funda os pactos. Mas surge logo o jornal, irritado como a Furia antiga, que os separa, lhes sopra na alma a intransigencia, os empurra á batalha, enche o ar de tumulto e de pó.

O jornal matou na terra a paz. E não só atíça as questões já dormentes como borralhos de lareira até que d'ellas salte novamente uma chamma furiosa — mas levanta dissensões novas, como esse anti-semitismo caiado de fresco, que repetirá talvez, no seculo XX, as anachronicas e brutas perseguições do tempo de *Grão de Pimenta*. Depois é o jornal...

Mas escuta! Onze horas! Onze horas ligeiras estão dançando, no meu velho relógio, o minuete de Gluck. Ora esta carta já vai, como a de Tiberio, muito tremenda e verbosa, *verbosa et tremenda epistola*: — e eu tenho pressa de a findar, para ir, ainda antes do almoço, lêr os meus jornaes, com delicias.

EÇA DE QUEIROZ.



BRUXELLAS E A SUA EXPOSIÇÃO



QUEM assistiu á ultima Exposição Universal de Paris, póde dizer que viu todas as outras que depois se teem organizado nos diferentes pontos do Universo.

A actual Exposição Universal de Bruxellas, não faz excepção a esta regra, e, sem com isto querer de modo algum amesquinhar o seu successo, mas antes explical-o, todas as suas secções, excepto naturalmente a Congoleza, são copias ou inspirações da exposição de 1889.

Como Paris, Bruxellas tem um bairro algeriano; uma galeria das machinas com a fabricação de um jornal desde a preparação da pasta do papel até á impressão; um balão captivo; diversos panoramas; um caminho de ferro circular; e até os mesmos *pousse-pousse*.

A exposição de Bruxellas está dividida em duas partes distinctas ligadas por um tramway electrico. A exposição propriamente dita occupa o parque do Cinquentenario, ao passo que a colonial está instalada no parque de Tervueren.

Da primeira pouco ha que notar, no meio da multiplicidade das secções — bellas-artes, electricidade, machinas, arte militar, etc. — a não ser Bruxellas-Kermesse, que é uma reproducção em pequeno de uma rua da velha cidade flamenga.

Esta parte da exposição é realmente muito pittoresca e muito concorrida, e n'ella se acham

agrupados os melhores specimens da architectura medieval que tantas e tão interessantes obras primas espalhou atravez Bruxellas.

A citar ainda a interessante exposição de *Bosnia*, em que todas as maravilhas da arte turca estão reunidas muito artisticamente, n'um pavilhão adequado.

Ahi se póde observar passo a passo, a vida d'essa pittoresca colonia austriaca. N'uma sala oriental copia rigorosa das construcções de *Bosnia*, varia figuras de cera representando formosas mulheres, vestidas dos encantadores costumes d'essa região, formam um gracioso grupo, no meio dos preciosos moveis, ricamente embutidos e encrustados, das arrendadas lampadas de cobre, dos finos e bordados tecidos.

A parte verdadeiramente interessante da Exposição de Bruxellas, é a exhibição Congoleza, no parque de Tervueren.

N'um grande palacio, construido expressamente para servir de exposição colonial permanente, estão representadas, toda a flora, a fauna, os productos, as industrias do Congo, desde as grandes plantas tropicaes, até ás conchas das praias, desde os grandes elephantes e rhinocerontes, até ás pequenas aves e matizadas borboletas.

Este é o museu permanente, immovel portanto sem vida : os animaes são empalhados, as arvores seccas, os rochedos postiços e até os in-



A EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS — O PARQUE DO CENTENARIO

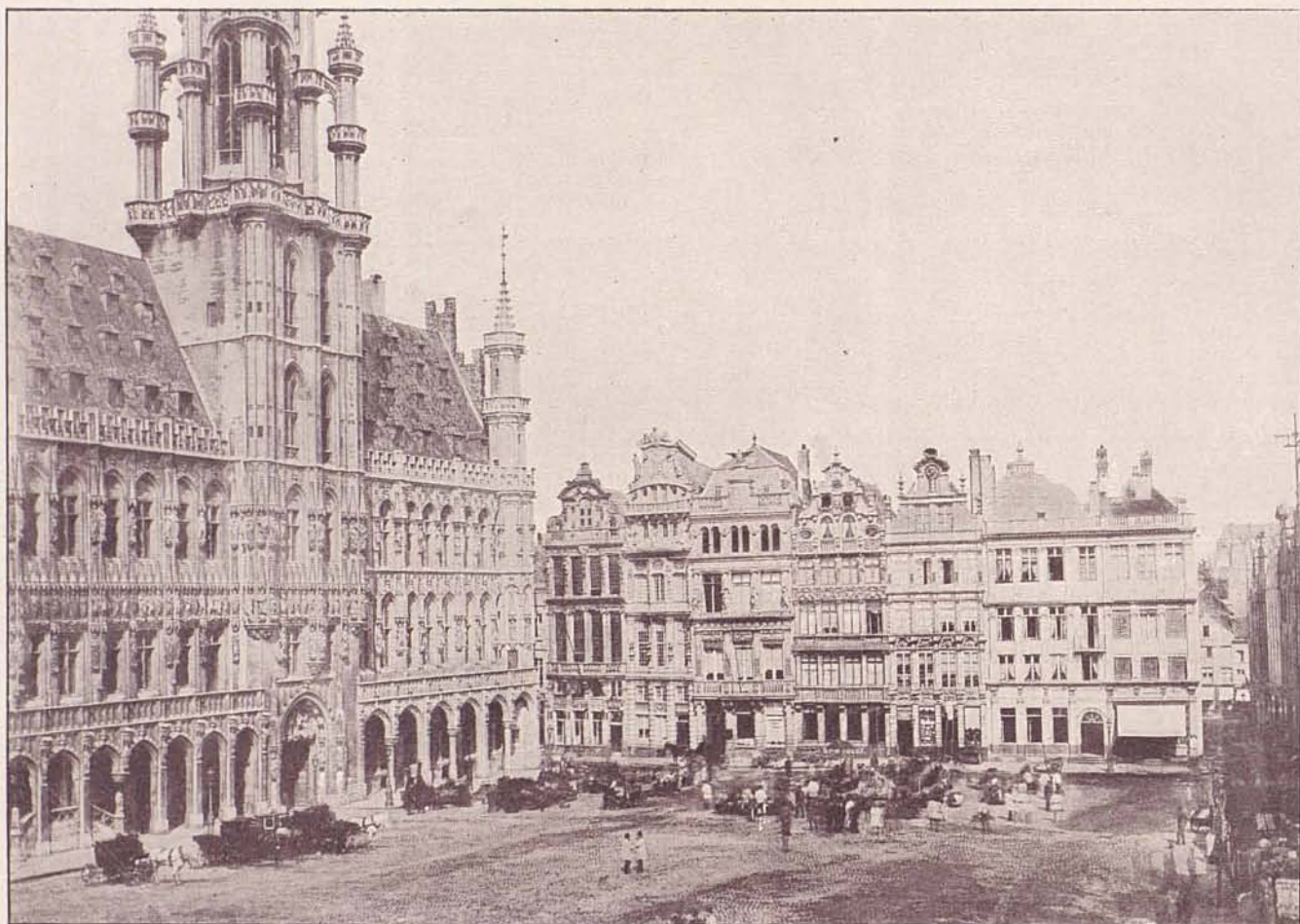
digenas são de cera. Ao lado, porem, na frescura do esplendido parque, à sombra de verdadeiras arvores, à margem de um verdadeiro lago, está o museu congolez *vivo*.

Authenticas aldeias do Congo foram para ali trazidas, com as suas verdadeiras palhoças. Os seus negros habitantes, se não fosse a differença de clima, e a curiosidade dos *badaus* podiam julgar-se ainda na sua terra, no meio das suas

cacos, saltam nas pirogas, atravessam o lago em todos os sentidos, tomam amiudados banhos, no meio de uma berraria infernal.

N'este canto do parque está pois o *clou* da Exposição Internacional, e a unica coiza que dentro d'ella, pôde despertar a attenção do estrangeiro.

O verdadeiro attractivo, porem para quem



A camara municipal.

As Casas das Corporações.

A praça do HOTEL DE VILLE

arvores, dentro das suas cabanas, com as suas pirogas, as suas armas, os seus objectos, e os seus animaes familiares.

Nada é mais curioso do que ver estes selvagens trabalharem a madeira e os metaes, tecerem vistosos pannos, construirem estranhos moveis, tocarem incompreensiveis instrumentos, enquanto as mulheres, de cocoras, arranjam o fogo, preparam a comida, e os garotos, ageis como ma-

nunca viu Bruxellas é a propria Bruxellas, a antiga cidade flamenga com os seus monumentos gothicos, as suas casas de uma architectura tão original, e as que construidas recentemente souberam, com tanta felicidade, inspirar-se dos velhos e tão artisticos planos.

O mais bello especimen d'estas construcções de que Bruxellas se orgulha, é o edificio da camara municipal, *Hotel de Ville* — que data de 1443, e

que é uma verdadeira obra prima, com a sua torre de uma tão perfeita elegancia de linhas; as suas arcadas tão majestosas, o rendilhado das molduras e dos coruchéos, tão primoroso.

Em frente, um outro edificio, não menos architectural e talvez de maior originalidade : *A casa do rei*, é celebre no mundo inteiro, pela harmonia da sua fachada, toda em arcos sustentados por delgadas e graciosas columnas.

Na mesma praça ao lado do *Hotel de Ville*, como a formar-lhe um verdadeiro quadro da epocha,

Não longe de lá, ao canto de uma rua está a tão conhecida fonte do *Manneken Pis*, predilecta peregrinação dos inglezes e principalmente das inglezas.

Os monumentos, que acabamos de citar constituem tudo o que resta da antiga cidade medieval, mas a Bruxellas de hoje offerece um não menos valioso quadro, com os seus edificios tão caracteristicos e os seus palacios tão imponentes, muito imponentes mesmo, para as dimensões da capital belga.



O PALACIO DE JUSTIÇA

estão as celebres *Casas das corporações*, pitorescos edificios, datando do seculo XII e attestando o poder que em tal epocha tinha a organização d'esses syndicatos de trabalhadores, antepassados gloriosos dos que hoje procuram estabelecer-se em cooperativas.

Esta praça é um admiravel *specimen* do que foi a vida flamenga na edade media, e ao atravessal-a sente-se um perfume dos tempos passados, um echo das coisas desaparecidas que não pouco concorre para a admiração do visitante.

O palacio de justiça por exemplo, collocado n'um alto, dominando a cidade, esmaga-a pelas suas proporções colossaes, apezar de ser um dos mais bellos modelos da architectura contemporanea. A seu lado um novo bairro constitue uma das mais bellas attracções de Bruxellas.

Construido recentemente, no estylo nacional, as suas largas ruas teem predios de uma verdadeira belleza, como poucos ha nas outras cidades do mundo, devendo-se isso aos frequentes concursos que a municipalidade organisa, e aos premios

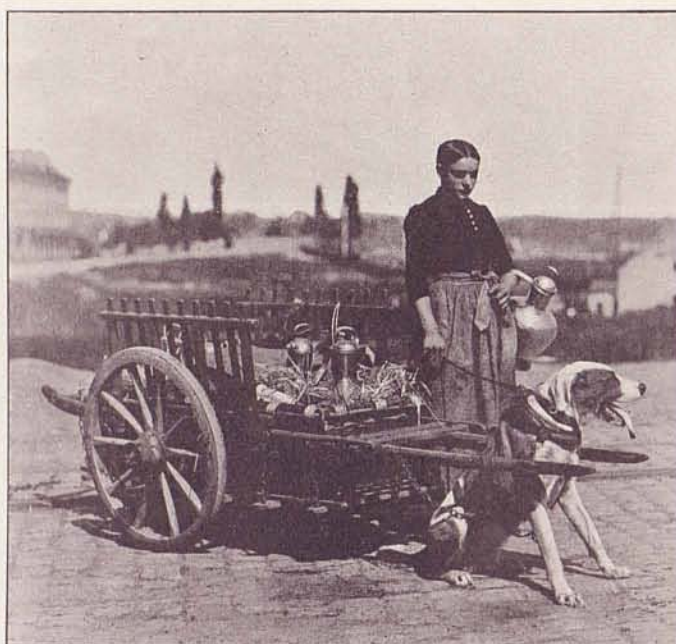
que ella distribue aos proprietarios que mais gosto e riqueza deram ás suas construcções.

Bruxellas tem poucos jardins, o seu parque do cinquentenario é mediocre e a unica coisa que, n'este genero, é digna de ver-se, é o vasto bosque de Tervueren, de que já fallamos e que em tempos foi residencia real.

Bruxellas está, como póde suppor-se, cheia de

estrangeiros e principalmente agora a animação é grande. Os negociantes de um caracter por natureza tão affavel, estão positivamente encantados, e as leiteiras flamengas, que pela manhã passeiam, de porta em porta, as suas carrossas, puxadas por robustos cães, sorriem com mais graça e, para a circumstancia, vestiram os seus mais pitorescos e vistosos costumes.

M. B.



UMA LEITEIRA FLAMENGA

As festas do Jubileo da Rainha Victoria

AINDA não ha um mez que as festas magnificas da Inglaterra assombraram o mundo e já, no incessante e vertiginoso redomoinho da vida actual, ellas desaparecem indecizas, no turbilhão dos grandes acontecimentos passados e entram ligeiras no dominio da historia.

Que a *Revista*, — memorando despretencioso dos factos — assignale e inscreva essa grande manifestação da nação britannica á sua rainha, personificação da sua prosperidade, symbolo da sua gloria.



A rainha Victoria no seu trem.

OS PREPARATIVOS

De ha muito que se preparara, febril e alegremente, esta esplendida apothese. Nas perfumadas cordilheiras da India, nas sombrias florestas do Canadá, nas ardentes planicies da Africa, nas profundas minas da Australia, por toda a parte onde fluctua o pavilhão da Gran-Bretanha, perpassou um grande entusiasmo e cada inglez deu a sua parte e cada familia ingleza pagou o seu tributo e cada cidade ingleza levantou um padrão, para glorificar o reinado de Victoria.

Em 50 cidades construíram-se novos hospitaes, feitos por subscrições particulares; em 62 levantaram-se fontes monumentaes; em 18 abriram-se bibliothecas; em 17 fundaram-se escolas; em 34 gymnasios; em varias outras, mercados, theatros, squares, etc., e todos estes edificios e todos estes melhoramentos tiveram uma origem unica, uma intenção commum: perpetuarem o jubileo de Victoria.

E ao passo que d'um extremo ao outro do vasto imperio se desenvolvia toda esta actividade, Londres, orgulhosamente se adornava, vestia-se de custosas galas, preparava enfim a maravilhosa scena, por onde triumphalmente desfilaria o infindo cortejo.

LONDRES EM FESTA

Como descrever o aspecto de Londres, as multiplas decorações das ruas, os ricos adornos das fachadas, os numerosos arcos de triumpho, o esplendor das illuminações?....

Em todas as grandes avenidas que deve percorrer o cortejo, o spectaculo é indescriptível. Em Piccadilly muitos predios estão literalmente cobertos de sêda desde o telhado até á rua. As janellas e as sacadas, deixam pender preciosos estofos franjados de oiros. A rua de S.-Jayme é um verdadeiro jardim, coberto de guirlandas de flôres; Pall Mall é admiravel, principalmente pela extraordinaria decoração das fachadas dos clubs, algu-

mas das quaes desaparecem completamente, cobertas de flôres raras. Por toda a parte, arcos de triumpho alguns d'elles de dimensões gigantescas, excedendo de muito a altura das casas; por toda a parte tribunas immensas, onde tomarão logar milhares de espectadores; em todo o longo percurso uma quantidade fabulosa de bandeiras, de guirlandas de flôres, de ricos estofos toldando as ruas, de arcos de lampadas electricas, que á noite transformarão cada avenida, n'um magico tunel de luz. E no meio de todo este espantoso scenario, a multidão compacta de curiosos, de estrangeiros, de soldados, desfilando como uma poderosa torrente, avida de todas estas maravilhas, na expectativa do grande e memoravel dia.

Como era de esperar, o pequeno commercio, o commercio da rua, a industria das medalhas, dos *souvenirs*, dos emblemas, invadiu Londres e Windsor e um novo producto original e de occasião, appareceu sobre o mercado: a venda de *papagaios patrioticos*.

Por quatro libras, vendiam-se, em torno das Dockas, intelligentes papagaios, que cantavam o *God save the Queen* e expeliam formidaveis hurras. E havia pacatos *Gentlemen* e graves *Mistress*, que adquiriam estes inconscientes mas infatigaveis manifestantes.

A MARCHA AUX FLAMBEAUX

As festas começaram em Windsor, com a marha *aux flambeaux*, organisa da pelo duque de Connaught, filho mais novo da rainha, e na qual tomaram parte mais de 6,000 homens, soldados dos corpos da guarnição, destacamentos de varios regimentos, artilharia, engenharia, guardas escocezas, granadeiros, *highlanders*, numerosas bandas de musica, clarins, tambores, etc.

O spectaculo era verdadeiramente deslumbrante. Á luz dos archotes e das lampadas de oleo de náphta, todos estes homens de uniformes diversos e vistosos, tomavam um aspecto phantastico, no meio dos estandartes fluctuando ao vento, dos reflexos multiplos das armas, ao som das fanfarras, ao ruido dos tambores e acclamações, n'este quadro de magestosa architectura que é o Palacio de Windsor.

Esta esplendida festa terminou por um concerto monstro ao qual concorreram mais de mil e oitocentos musicos, que por varias vezes fizeram subir, até ao quarto da velha rainha adormecida, as notas magestosas e lentas do *God save the Queen*.

O dia seguinte, 20 de junho, um domingo, foi consagrado ás grandes festas religiosas, ao serviço solenne em acção de graça, na cathedral de S.-Paulo, cerimonia a que assistiram o *lord-mayor*, os principes, os embaixadores e grande concurrencia de povo.

Por esta occasião o grande sino, que pesa mais de 17,000 kilos e que só vibra nas grandes festas da Inglaterra, atroou o espaço com as suas vinte e uma badaladas rythmicas e lentas, uma de minuto em minuto.

Na segunda feira 21 a rainha veiu de Windsor a Londres, fazendo este curto trajecto n'um caminho de ferro construido especialmente para esse fim e composto de magnificos wagons, verdadeiros salões ricamente adornados, presente que a companhia do Great-Western offerecera á sua soberana. Desde a gare até ao palacio de Buckingham a multidão compacta, vibrou de entusiasmo e uma formidavel ovação foi o preludio da que, no dia seguinte, se levantou mais formidavel ainda, em todo o percurso do imperial cortejo.

O DIA 22 DE JUNHO

E nada com effeito se póde comparar ao entusiasmo da população de Londres, n'este memoravel dia, 22 de Junho.

Desde a madrugada toda a população da grande metropole, — consideravelmente augmentada pela enorme affluencia dos inglezes e dos estrangeiros, que tinham vindo de todas as partes do mundo — se apinhou nas vastas avenidas, invadiu as tribunas, assaltou as janellas e trepou aos telhados.

Ás 7 horas e meia da manhã, a policia foi forçada a interromper a circulação dos carros, e ás 9 horas, a dos peões, que obstruiam completamente o espaço reservado á passagem do cortejo.

Cerca das onze horas, trez grandes pavilhões reaes foram içados nas torres do palacio, e as primeiras salvas dos canhões partiram das margens do Tamiza.

Ao mesmo tempo a rainha Victoria antes de subir á carruagem, enviou aos seus subditos fieis a seguinte mensagem:

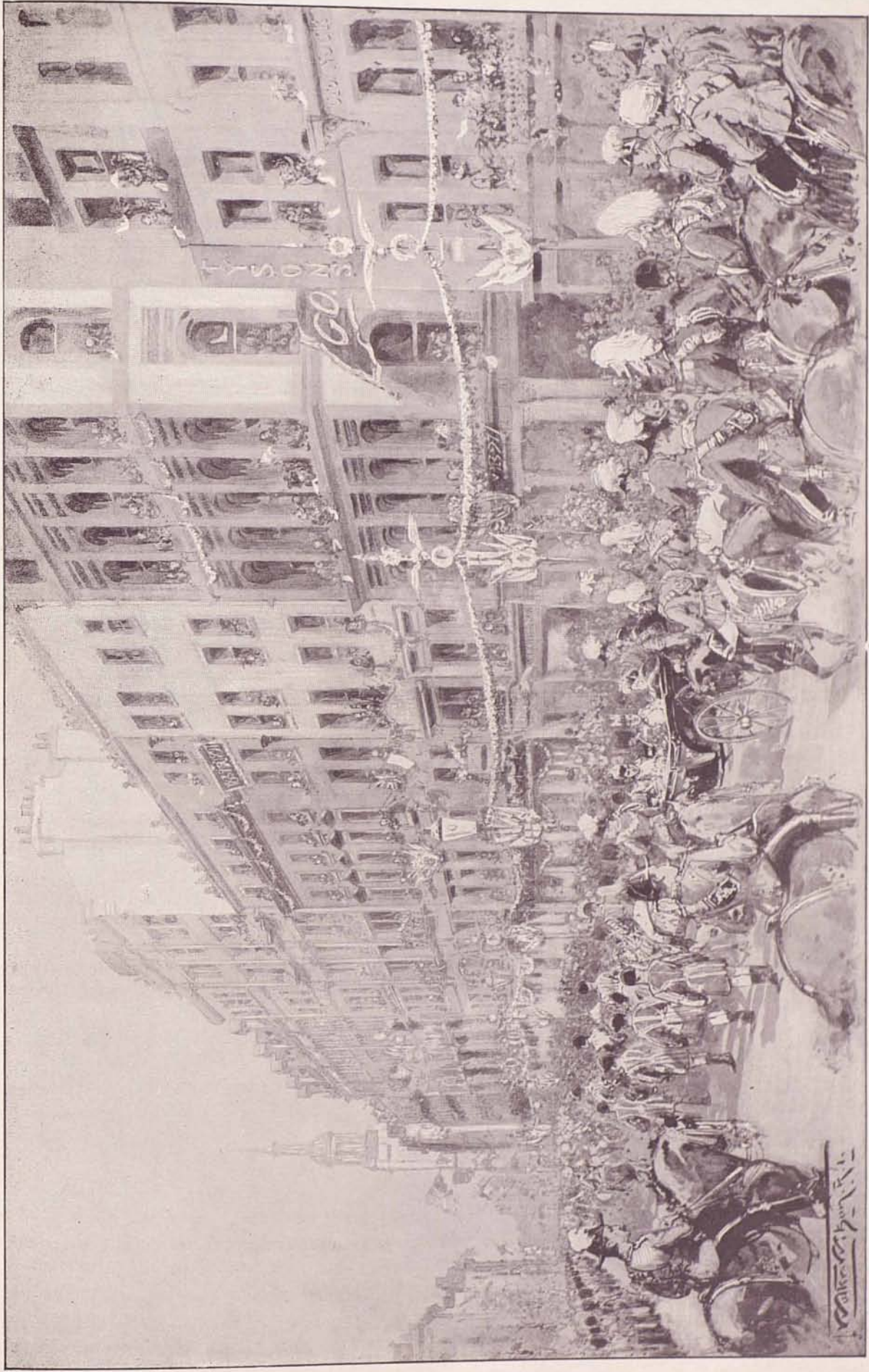
Do intimo do meu coração, agradeço ao meu povo bem-amado. Que Deus o proteja!

VICTORIA R. I.

Momentos depois pela monumental porta de Buckingham, o *landau* real saia e o cortejo começava a sua triumphal marcha, por entre os clamores entusiasticos do povo.

Abrindo o cortejo vinha um pelotão dos guardas do corpo sob o commando do capitão Ames, o mais alto de todos os officiaes do exercito inglez e portanto um verdadeiro gigante.

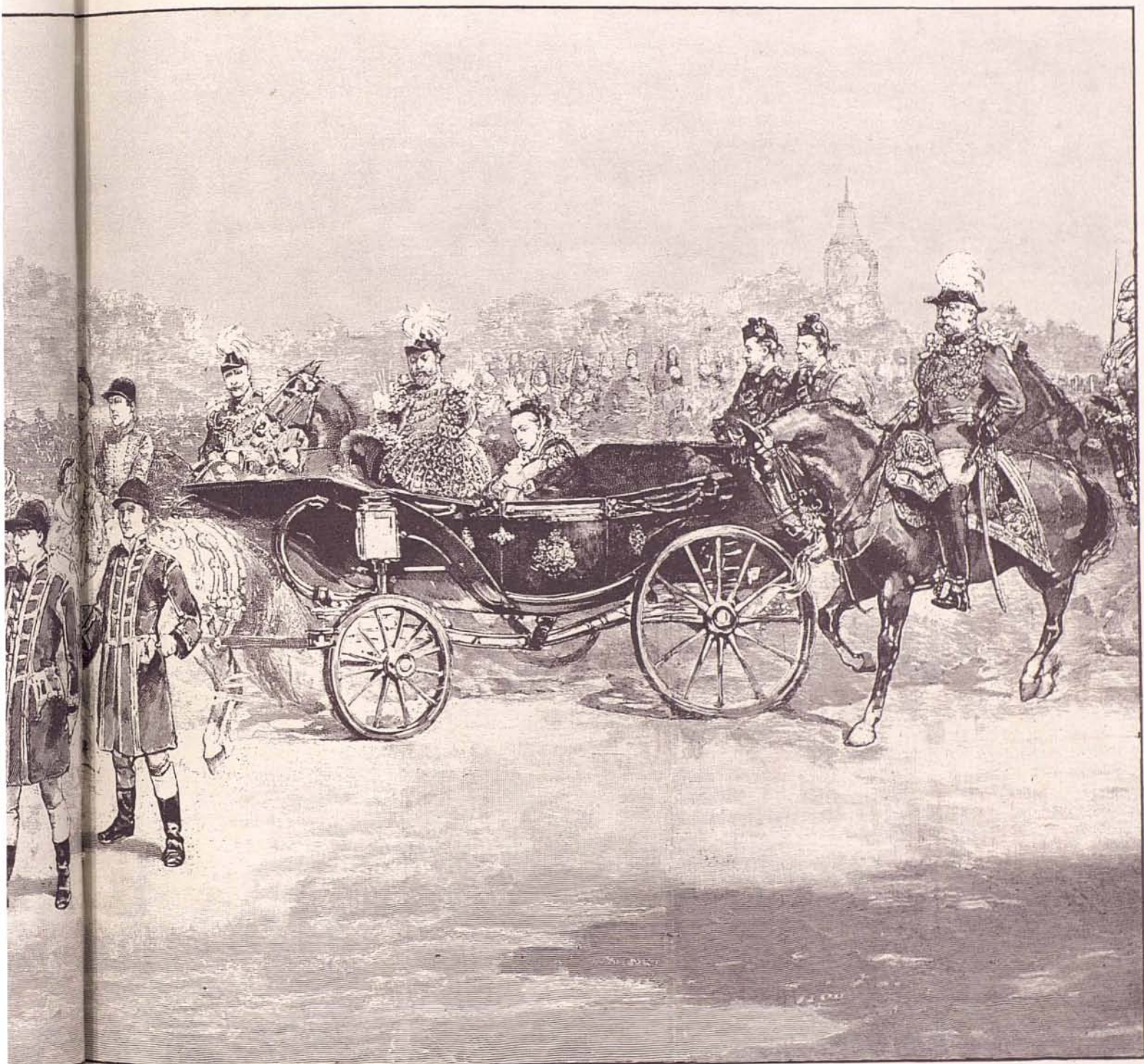
Seguiam: cem marinheiros puxando seis canhões de



Uma rua de Londres durante a passagem do cortejo.

W. & A. G. Nichol
London





O principe de Gales. A rainha Victoria.

O duque de Cambridge.



Os principes estrangeiros no cortejo do Jubileo.

desembarque; um grupo d'officiaes do estado maior e numerosos contingentes de cavallaria e de artilharia.

Vinham depois a cavallo : os vinte e dois ajudantes de campo do generalissimo visconde Wolseley; os trinta e cinco ajudantes de campo da rainha; o duque de Westminster, *lord-tenente* do condado de Londres, em uniforme escarlata e chapéu de plumas brancas, seguido de trinta officiaes do seu estado maior; o *feld-marechal* lord Carlee e o seu estado maior; o *feld-marechal* lord Roberts e o seu estado maior; trez ajudantes de

riqueza deslumbrante, cobertos de pedrarias, maravilharam e entusiasmaram o povo.

Passam depois cinco carruagens da cõrte, com os embaixadores de todas as potencias; nove magnificos landaus com os príncipes e princezas, que vieram assistir ao jubileu, escortados pelos contingentes das tropas coloniaes : do Canada, da Nova-Galles do Sul, da Victoria, da Nova-Zelandia, do Queensland, do Cabo, da Australia Meridional, da Terra Nova, da Tasmania, da Natalia, etc., tropas qui tiveram um enorme e justificado



Príncipe de Galles. Princesa de Napoles.

LORD-MAYOR.

Princesa de Galles.

Príncipe de Napoles.

O BANQUETE DO LORD MAYOR

O príncipe de Napoles respondendo ao TOAST dos embaixadores.

campo do Príncipe de Galles; cinquenta escudeiros da rainha e dos príncipes; trinta gentishomens da casa real; vinte e dois adidos das embaixadas britannicas, no estrangeiro; os adidos navaes e militares das embaixadas estrangeiras em Londres; os generaes Haglon e Miles, seguidos dos estados-maiores respectivos.

Em seguida, marchava uma companhia do 1º regimento de dragões prussianos, do qual a rainha Victoria é coronel honorario.

E logo apoz, vinha uma numerosa embaixada, representando o serviço imperial das Indias e composta de rajahs e príncipes indianos, cujos uniformes de uma

sucesso, principalmente os lanceiros da Nova-Galles do Sul, tão pittorescos, com os largos chapéus de aba levantada á mosqueteiro, e com as suas lanças enfeitadas de vistosas flammulas; os *saptiés* de Chypre com os seus turbantes escarlates; os soldados negros de Guiné ingleza; e os pequenos guerreiros amarells de Hong-Kong.

O brilhante grupo dos príncipes inglezes e estrangeiros montados em soberbos cavallos, passa em seguida, desfilando quatro a quatro, e suscitando a admiração dos espectadores pela riqueza e luxo das fardas e das commendas.

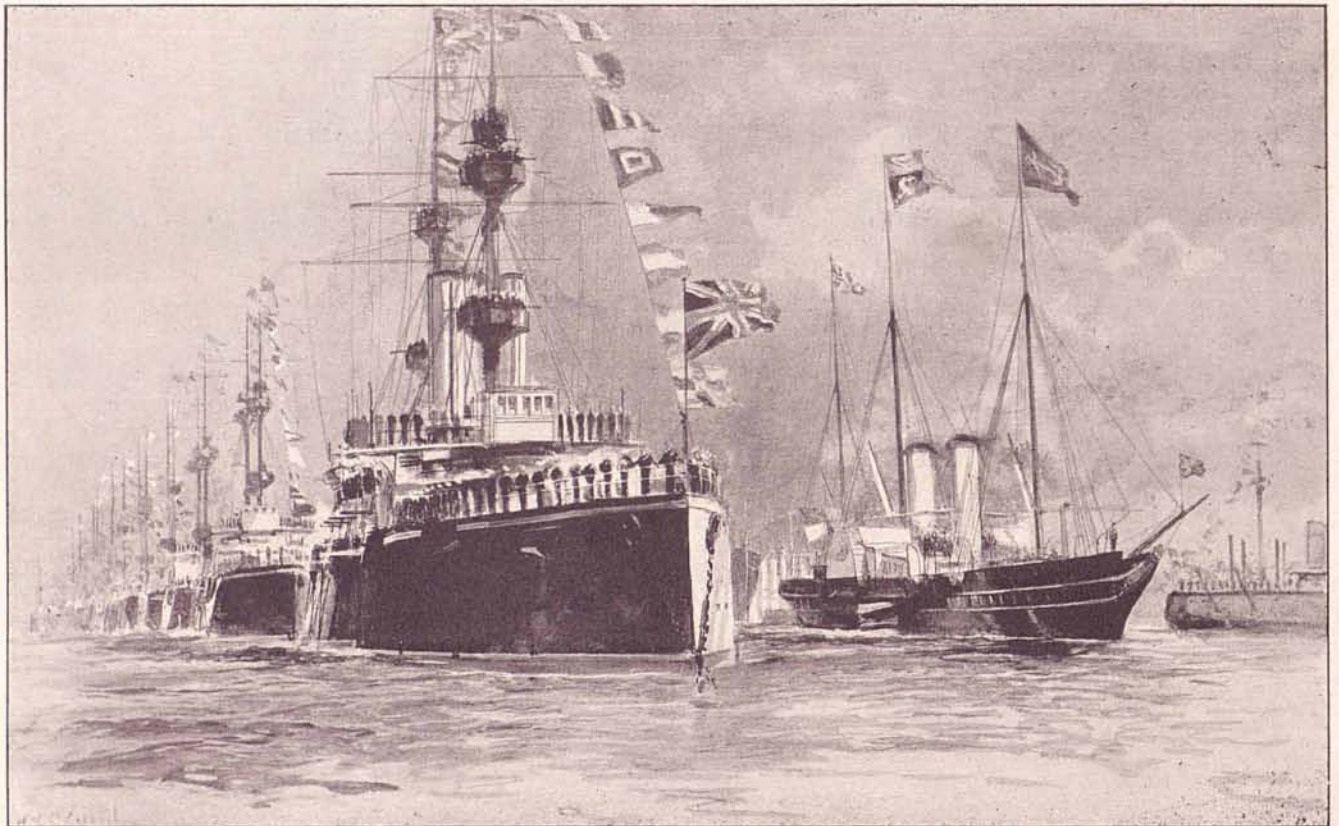
Como a servir-lhe de sequito marcham, contendo difficilmente a impaciencia dos seus pequenos cavallos, vinte e dois officiaes do exercito da India.

E finalmente, o carro da rainha avança, precedido do visconde Wolseley, generalissimo do exercito inglez. Esse carro, um alto e elegante *landau*, é puxado pela celebre atelagem da rainha, os oito cavallos côr de creme, quatro parelhas unicas no universo. Os arreios são de marroquim vermelho, guarnecidos de custosos ornamentos de bronze dourado, finamente cinzelados. As parelhas são montadas por quatro picadores vestidos de librés vermelhas bordadas a oiro, e conduzidas á mão por oito lacaios vestidos do mesmo modo. A' direita da car-

corpo, erguendo o estandarte real; fechando o cortejo marcham numerosas companhias de voluntarios e um esquadrão de policia a cavallo.

AS MANIFESTAÇÕES

Este incomparavel cortejo, que tão rezumidamente descrevemos e que levou mais de trinta minutos a passar, levantou, como era de esperar, em todo o trajecto, um entusiasmo indescriptivel. É impossivel dar uma leve ideia da colossal ovação, que incessantemente saudava



A REVISTA NAVAL

O principe de Galles passando a revista da esquadra, a bordo do seu yacht.

ruagem marcha a cavallo o principe de Galles e á esquerda o duque de Cambridge, ambos em grande uniforme de feld-marechal.

A rainha occupa só, o banco de traz do *laudau*. Vestida de seda preta, com um pequeno chapéu preto avivado pelo alvo *debrum*, que é, em Inglaterra, o signal da viuvez, tem na mão uma sombrinha de cabo muito alto, descobrindo completamente o seu rosto risonho e commovido. A rainha traz ao pescoço o cordão da ordem da Jarreteira e o medalhão da ordem Victoria e Alberto.

No banco da frente a princeza de Galles e a de Schlesvig-Holstein, vestidas de claro, teem tambem ao peito a commenda de *Victoria e Alberto*. Logo em seguida ao carro da rainha vem a cavallo um capitão da guarda do

a rainha. Os gritos, os hurras, os gestos, os canticos inglezes, são de uma proverbial brutalidade; imagine-se pois o que elles foram n'este dia excepcional, em que toda a alma do povo inglez rebentava do orgulho da sua propria glorificação.

Das ruas, das tribunas-colossaes — edificios de madeira, alguns dos quaes tinham mais de 10,000 espectadores — das arvores, das janellas, dos telhados, das cheminés, de todos os sitios mesmo os mais perigosos, d'onde se podia avistar a soberana, um grito unico, immenso como o barulho do mar, se levantava n'uma saudação e acabava n'um cantico.

À entrada da City, quando o *lord-mayor* presentou á rainha a espada, em signal de submissão; em frente da

egreja de S. Paulo, quando o arcebispo de Canterbury e o bispo de Londres lançaram, do alto dos degraus a bênção sobre a Rainha e as princezas; finalmente quando a soberana entrou de novo no palacio de Buckingham; mais de cem mil pessoas em cada um d'estes pontos differentes, entoaram o *God save the Queen*, ao som de centenaes de instrumentos.

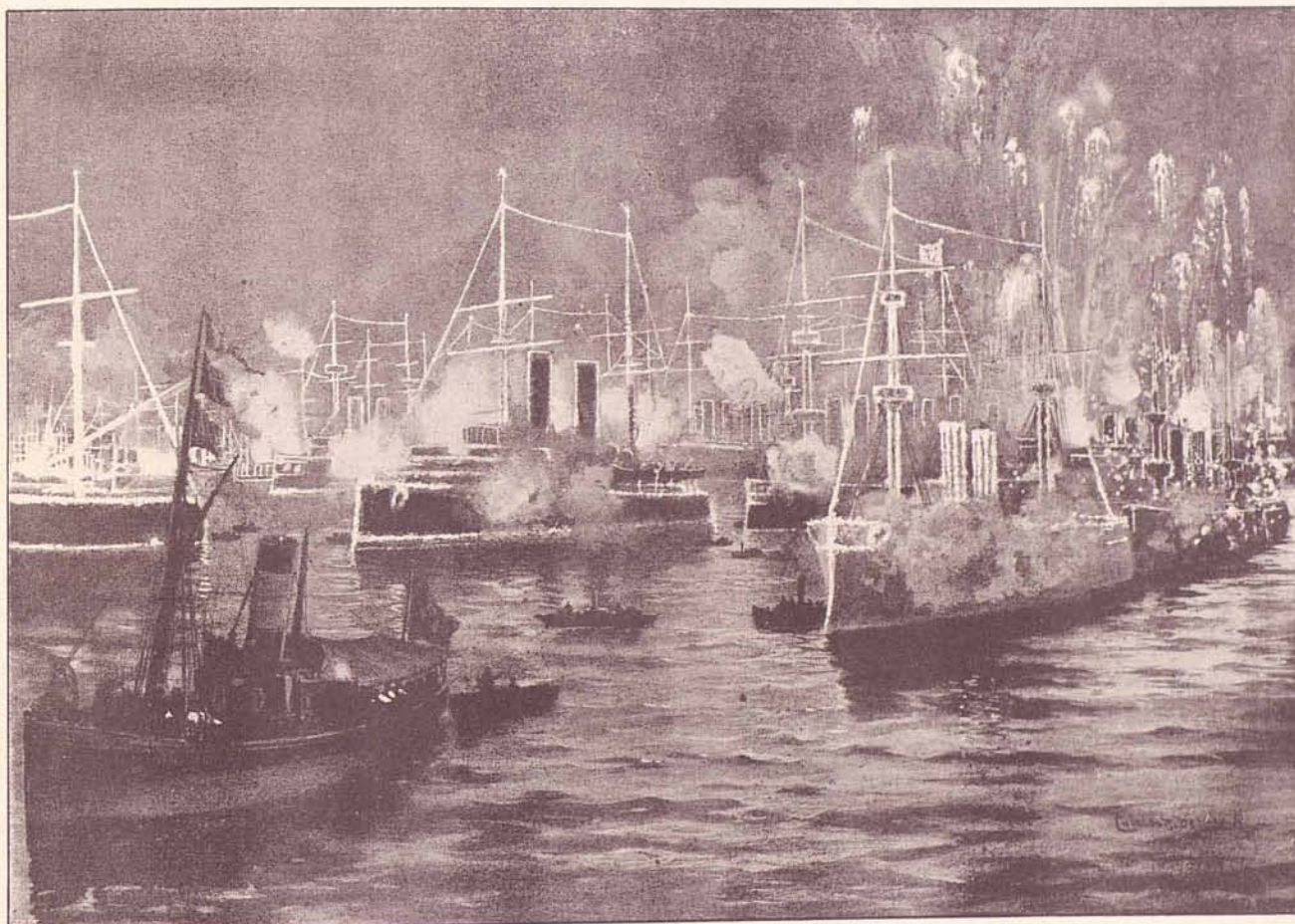
Este dia foi na verdade um grande dia!

Mas á noite, no seu leito, enquanto sobre todas as collinas de Inglaterra brilhavam as fogueiras de alegria, a velha Rainha pensou talvez no pouco que valem os triumphos d'este mundo, ao recordar a moção que

colina da Constituição entoaram alegremente o hymno real e receberam refrescos, bolos e medalhas, até aos 100,000 pobres de East-End, que reunidos n'um banquete monstro, por iniciativa da princeza de Galles, se regalaram de bôa carne e bôa cerveja.

E enquanto nas margens do Tamisa se prolongavam as festas, as cerimoniaes, os banquetes e as illuminações, em Portsmouth preparava-se o segundo acto e certamente o mais brilhante d'esta grande apothese.

Esse segundo acto compoz-se de dois quadros igualmente maravilhosos: á revista naval; e a illuminação de todas as esquadras, reunidas na bahia de Spithead.



A illuminações na bahia de Spithead.

na vespera, os representantes da Irlanda tinham apresentado ás camaras:

« Considerando que durante os sessenta annos do reinado de Victoria, a Irlanda soffreu gravemente da fome, do despovoamento, da miseria e da suspensão continua das liberdades constitucionaes..... o povo irlandez não pôde tomar parte na celebração do jubiléu... »

A REVISTA NAVAL

Durante oito grandes dias Londres ficou em festa, e toda a população teve a sua parte d'esta alegria nacional, desde os 10,000 alumnos das escolas primarias, que na

A revista naval foi na verdade a mais notavel que se tem feito até hoje.

Os navios que deviam ser passados em revista, 140 barcos: couraçados, cruzadores, torpedeiros, etc., estendiam-se em quatro grandes linhas, entre o cabo de Stokes bay, costa ingleza, e as praias da ilha de Wight.

Uma quinta fileira era formada pelos navios estrangeiros, que tinham vindo assistir a esta cerimonia unica; e do lado da ilha de Wight, formando fundo, centenas de paquetes e de navios de vela, levantavam uma floresta de milhares de mastros entrelaçados pelos cordões de milhares de bandeiras.

O espectáculo era grandioso.

A's duas horas o principe de Galles e a familia real

embarcam no yacht *Victoria and Albert*. Os principes estrangeiros, os ministros das colonias, a camara dos lords e a das communas, tomam logar a bordo de varios navios e fazem sequito ao *Victoria and Albert* que desatraca.

N'este instante um medonho ruido, indiscriptivel, brusco e insuportavel como o barulho de uma colossal explosão, abala os ares, e uma espessa fumarada sobe, enche a bahia, tolda a atmospherá, de uma densa e branca nuvem. Os duzentos navios de guerra, os paquetes commerciaes, os barcos, os lugres, os yachts, todas as embarcações que possuiam um canhão, salvavam, ao mesmo tempo, n'uma confusão horrivel, onde o retumbante estrondo das grandes peças de 12 metros, marcava apenas um estremecimento mais forte.

E quando todo este ruido cessou, quando toda esta fumarada subiu, como o immenso panno de um immenso theatro, os yachts do cortejo real passavam entre as linhas de couraçados, onde as bandas tocavam ainda o *God Save the Queen* e no alto das vergas os marinheiros, agitando os chapéus, gritavam os ultimos hurras.

Para dar uma ideia do que foram as salvas simultaneas, que trovejaram em Spithead, basta dizer que só os navios de guerra tiraram durante a passagem do yacht real, 8.904 tiros de canhão o que faz approximadamente 200 tiros por minuto, muitos dos quaes custaram mais de dez libras cada um.

À noite, a enorme bahia transformou-se n'um esplendido lago de fogo, um verdadeiro lago encantado,

d'aquelles que nos contos orientaes espelham phantasticas cidades de oiro e pedrarias.

Como descrever este espectáculo?

Como dizer o effeito prodigioso de todos estes grandes barcos desenhados por linhas de fogo, no fundo negro do firmamento?

Como pintar a incessante variedade dos effeitos, o multiplo deslumbramento das côres, do reflexo rubro do incendio, ás azuladas claridades da aurora, do doirado esplendor do meio dia, aos tons violetas do crepusculo?

Como dizer as surpresas do fogo de artificio, ora rolando cascatas de brilhantes gemmas, ora erguendo no espaço feixes de luz, ora illuminando o horizonte de estranhos relampagos, ora rolando nos ceus milhares de novas estrellas?

Se a Inglaterra quiz com estas festas deslumbrar os altos personagens que ella trouxe das suas remotas e diversas colonias, bem póde orgulhosamente proclamar que conseguiu e excedeu os seus fins. Os proprios europeus, visinhos e rivaes, guardarão por muito tempo a lembrança de todas estas maravilhas, de toda esta opulencia e de toda esta força...

Só o pensador, inclinado ás cogitações sociaes, esquecerá depressa tão memoraveis dias, para se lembrar dos magoados olhos de creança, que em certos bairros Londrinos brilham no fundo de sordidas e subterraneas cavernas.

L. S.





DE SEBASTOPOL A IALTA

PELA manhã, muito cedo, o meu amigo Sarkmetch, que eu conhecera na Escola de Pontes e Calçadas de Paris e que abusivamente nomeara cicerone, durante a minha estada em Sebastopol, onde eu na vespera chegára, veio buscar-me ao hotel para emprehendermos a famosa viagem a Ialta.

E meia hora depois, atravez a steppe em flôr, na fresca claridade de uma linda manhã de maio, enquanto a *troïka* desfila ao trote rapido dos seus trez cavallos e as campainhas dos varaes em arco, telintam festivalmente, o Sarkmetch, fitando em mim os seus olhos maliciosos de tartaro, exclamou, como a concluir um intimo raciocinio :

— Não meu amigo, a Crimeia não é nem Simféropol, nem Sebastopol, nem Balaklava, nem o paiz glorioso do glorioso cerco de 54, nem a estra-

nha região das longas steppes, dos exquisitos *kurgans* e das mysteriosas grutas. Não meu amigo! A Crimeia é o que tu vaes ver, toda esta luminosa costa meridional desde o cabo Saritch até ao estreito de Kertch; o paiz das vinhas, dos limoeiros, dos cedros, das romanzeiras, das arvores do teu paiz, afinal... A Crimeia é tudo isto, e é principalmente o precioso vinho das colinas do Alma e os olhos rasgados, indolentes, innocentemente lascivos das tartaras esbeltas. Tu verás, tu verás...

E enquanto o entusiasmo do meu amigo exuberava, Sebastopol desapparecia por traz da encosta de Malakov, onde batia em cheio o sol nascente e á nossa direita, um grande cemiterio dormia, geometrico e limpo. Sarkmetch explicou :

— É o cemiterio dos 20,000 francezes mortos no cerco de Sebastopol; mais adeante á esquerda



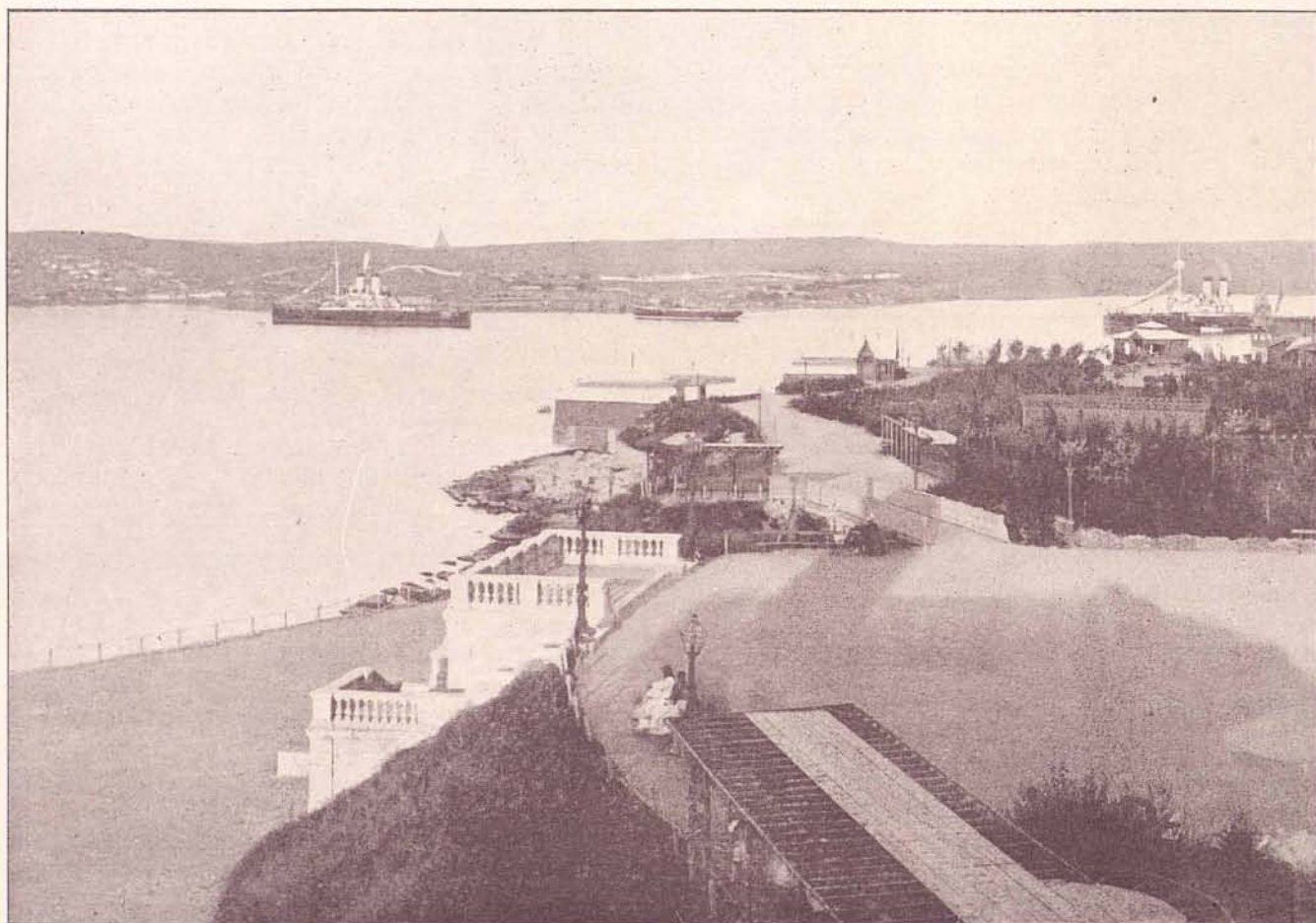
O CERCO DE SEBASTOPOL. — Batalha de Malakov.

dormem outros tantos ingleses e algum milhares d'italianos... Grandes cemiterios na verdade, mas não tão grandes como aquelle que hontem viste do outro lado da bahia. Que profunda impressão se sente em frente d'aquelles grandes tumulos onde repousam 100,000 russos, 100,000 bravos hein?... Ah! foi uma heroica resistencia; e não ha meio de passar por aqui sem pensar ao genial Totleben, á sua incomparavel tactica, ao heroismo dos russos, só abandonando a praça quando não existia pedra sobre pedra e quando, em logar das fortalezas desmanteladas, se erguiam muralhas de cadaveres.

... Mas isto é da historia... hein; do Larousse, do

poderemos visitar agora porque não ha tempo a perder se quizermos chegar a Ialta antes da noite... E é pena. Se te demorares deves ir vel-a porque é a localidade mais pittoresca que conheço.

Imagina uma grande bahia de perto de dois kilometros de comprimento, quasi um kilometro de largo, toda cercada de grandes costas altas e rochosas e communicando com o oceano por um estreito e tortuoso canal. De certos pontos dir-se-hia um vasto lago interior... A villa tem pouca importancia actualmente, mas é tambem um vivo padrão da guerra de 1854, por ter sido uma das posições mais energicamente disputadas e porque ahi se perdeu o transporte de guerra



SEBASTOPOL

Baedeker até e não suppões que eu vá massar-te a revolver tão sagrada — mas quão remota poeira!...

E mostrando o panorama n'um grande gesto largo :

— Isto sim, isto é que é incessantemente novo, a steppe, a steppe dos phantasticos aspectos, dos admiraveis matizes... se tu a visses de noite ao luar, que belleza, que belleza!...

N'este momento o *iamstehik* — o vigoroso cocheiro — n'um brusco arremesso dos cavallos, fez saltar a *troika* fóra da estrada e galopou, atravez a macia erva dos campos, para encurtar caminho.

— Balaklava não deve ser longe d'aqui observei.

— Não; um pouco mais para a direita; não a

francez *Antilope* que tinha a bordo 600 homens. Deves ir ver...

A steppe que o sol vestia de oiro estendia-se até ao horizonte. Sarkmetch calara-se talvez na intima contemplação dos olhos rasgados das *suas* tartaras, o cocheiro cantarolava uma lengalenga oriental com acompanhamento orchestral das campainhas... e eu não sei porque, pensava na alegre paizagem do nosso Minho, nos campos de milho tão verdes, nas egrejinhas tão brancas e no nosso ceu tão azul.

Meia hora depois, á entrada de um estreito valle, a troika faz alta á porta de uma estalagem tartara, construcção baixa, sem originalidade, d'aspecto sujo e pouco convidativo.

Em quanto os cavallos se repousam e o cocheiro entra a beber, nós ficamos fóra, sentados a uma forte e rustica mesa á sombra de um velho carvalho todo coberto de folhas novas, bebendo um detestavel vinho branco que não justifica as predições de Sarkmetch. É verdade que elle affirma que semelhante agua-pé não sae de uvas da Crimeia nem de parte alguma e invectiva furiosamente o estalajadeiro que não responde, fica immovel com a indiferença de quem está habituado a ouvir todos os dias se melhantes protestos.

Noto que o homem — por sobre uma larga calça turca e uma jaqueta bordada podendo talvez ser

gnifica, a estrada de Varontsov, ao que parece a melhor e a mais bella de toda a Russia.

A paisagem é cada vez mais pittoresca. Pouco a pouco as moitas de arvores dispersas, aproximam-se, aconchegam-se, formam um verdadeiro bosque, o caminho desce, rapidamente, a um valle apertado e sombrio onde corre um caudaloso ribeiro.

Depois, o valle alarga-se de novo, n'uma extensa planicie toda verdejante de pastagens ricas e zebreada de limpidos ribeiros.

Durante cerca de trez horas, a *troika* percorre esta fertil varzea e atravessa varias aldeias tar-



BALAKLAVA

grega, tem um velho sobretudo que saiu incontestavelmente d'algum algibebe londrino.

Quanto ás bellas tartaras, de que fallava Sarkmetch, nem uma. Esperemos...

Ao fim de um quarto de hora, o meu amigo posto de mau humor vae buscar o cocheiro que sobe resmungando á almofada e faz partir, á força de chicote, os cavallos fatigados e rebeldes.

Sarkmetch tem uma tal expressão de contrariado desapontamento que eu não posso deixar de sorrir... Sarkmetch contenta-se de affirmar: — Tu verás, tu verás.

Pouco a pouco as collinas cobrem-se de arvores, as planicies tornam-se fertes, povoam-se de aldeiasinhas graciosas e de perfumados jardins em quanto o carro rolla, agora, por uma estrada ma-

taras, pobres mas risonhas, vestidas de rozas, á sombra das figueiras, das amendoeiras e dos pinheiros altos. Aqui e alem, melancholicos cyprestes accentuam a paisagem oriental e os esveltos minaretes erguem bem alto os crescentes de oiro.

Sarkmetch faz-me notar os vestigios prehistoricos, os dolmens ou *mesas de pedra* de que este valle é rico, ao que parece. —

— A Crimeia — diz elle — está cheia d'estas curiosidades; os dolmens, as grutas, os *Kurgans*...

— O que chamas tu *Kurgans*? perguntei.

— Não notaste ao atravessar as steppes uns grandes cones de terra, semelhantes a pequenas collinas, mas cuja forma regular attesta a mão do homem?

— Notei, sim...

— Pois bem a esses artificiaes monticulos, que recentes escavações revelaram ser tumulos, chamam os russos *Kurgans*. Quanto ás grutas, não faltam n'este paiz rochoso, desde as escavações subterraneas de Tchoufout-Kalé, de que não se conhece a origem, até aos conventos de Ospensky e de Inkerman, ambos cavados no interior de escarpados rochedos e revelando apenas a sua existencia, pelos balcões de madeira que exteriormente correm de uma cellula a outra e pelos seus campanarios, suspensos do rochedo, como gigantescas gaiolas, onde os sinos se empoleiram, tambem, como aves gigantes. Uma nova alta da caruagem interrompeu Sarkmetch. Estamos á porta de uma estalagem onde é costume jantar.

D'esta vez não temos de que nos arrepender. A casa é limpa, a comida excellente — principalmente uma certa sôpa de peixe que se serve fria e um carneiro com molho de farinha — o vinho é optimo.. o tal de Magaratch! e tudo isto servido por uma genuina tartara de dezoito annos, vestida com a ampla calça presa nos tornozelos por largos anneis de prata, com os minusculos pés calçados de minusculas e arrebitadas galochas, e o rosto oval emmoldurado no gracioso *dehigess* de lã muito branca.

O Sarkmetch não come, preso pelos olhos da rapariga, soberbos olhos na verdade! e sou eu agora quem lhe lembra que estamos ainda a 50 *verstes* (mais de 53 kilometros) de Ialta, que são duas horas e que se a *troika* continua a fazer as suas 10 *verstes* á hora, só chegaremos á noite fechada.

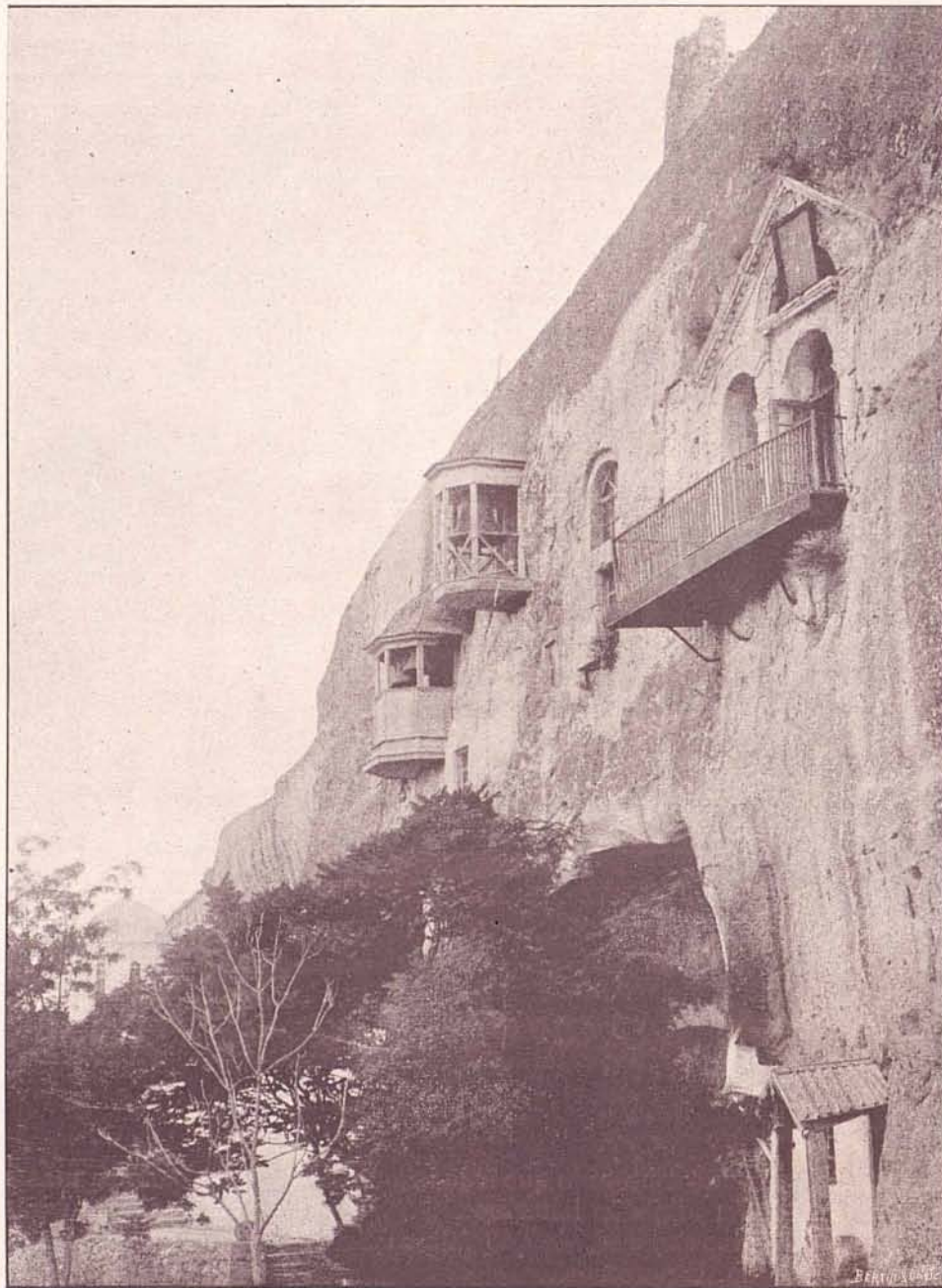
Por fim, é preciso arrancal-o á força, á attracção prodigiosa dos olhos da estalajadeira, attracção que o vinho de Aluchta transforma em apaixonado entlhusiasmo.

A *troika* parte e lentamente sobe, atravez de uma magestosa floresta, muito fresca e muito sombria.

— N'uma ou duas horas de caminho, diz-me Sarkmetch, estaremos no alto de Baïdar, d'onde poderás descobrir o mais esplendido panorama que certamente tens visto. — Essa é a ultima parte

do meu programma, a apothose final, como se diz em linguagem de teatro.

E com effeito foi uma esplendida apothose, quando chegados ao cimo da encosta e á orla da floresta, atravessamos esse arco de granito que se chama a *Porta de Baidar* e vimos o incomparavel panorama que de uma tal altitude, cerca de 1,000 metros, se descobre. Em frente de nós



O CONVENTO DE INKERMÁN

o Oceano sem fim; a nossos pés, monstruosos rochedos rolando até á praia, por entre uma vegetação selvagem e abundante. D'um lado, uma linha de costas calcareas e agrestes avançando para o mar até ao Cabo Saritch; do outro, um fundo de recortados bosques, subindo pelas vertentes dos montes Iala. Aqui e alem, entre o verde claro dos jardins, um grupo de habitações põe uma alegre nota no aspecto severo da paysagem, e muito ao longe, para lá da linha dos montes,

outros montes cobertos de vinha brillam ao sol.

Quanto tempo ficamos nós sentados, deante d'este admiravel quadro, n'uma silenciosa e attenta immobilidade, a gozar do espaço, da luz e da fresca brisa marinha, que vinha toda perfumada por ter subido a florida encosta?

Quantas horas soaram distrahidas e breves, enquanto o mar passava do verde esmeralda ao azul profundo, e o sol se ruborisava descendo ao horizonte?

Quando enfim, o cocheiro que adormecera accordou praguejando, e os cavallo impacientes agitaram desesperadamente as campainhas dos arcos, o Sarkmetch levantando-se, perguntou, falando baixo como se estivessemos n'uma cathedral. — Então?

E eu não soube que responder, porque nenhuma palayra me parecia capaz de exprimir a impressão de um tal deslumbramento.

Logo que subimos á troika, esta desfilou de novo n'uma carreira mais rapida, porque a noite vinha perto e o cocheiro tinha pressa de chegar a Ialta.

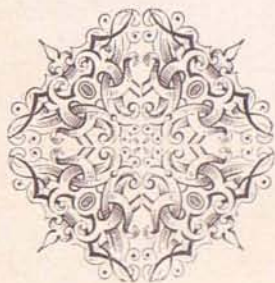
O caminho desce, volta em zig-zag, ora perdendo-se entre bosques de castanheiros collossaes, ora contornando a encosta, e descobrindo o mar de um azul cada vez mais negro. Á nossa esquerda n'um alto, ergue-se um castello, no meio de um vasto parque; depois, extensas vinhas sobem pelos outeiros e perdem-se ao longe na penumbra que mansamente envolve a paysagem.

O gallope dos cavallo é vertiginoso, a descida rapida.

Já quasi á noite atravessamos uma poetica villa : *Livadia*; e em vão procuro distinguir entre a mancha sombria do arvoredo, a *villa* imperial que é o retiro predilecto dos poderosos Tzars.

Uma hora ainda de marcha, no meio das trevas cada vez mais densas; depois, d'uma altura, a aparição subita de uma cidade illuminada e minutos depois a descida á porta de um confortavel hotel, onde se falla francez e onde leitos confortaveis nos esperam.....

MIGUEL DE LENCASTRE.



SUMMARIO SOCIAL E POLITICO



AJOVEM e bella princeza que ha sessenta annos recebia, sobre os seus louros cabellos, a corôa da Inglaterra, trazia no seu nome o horoscopo de um glorioso e extraordinario reinado. O grande imperio romano, no apogéo das conquistas dos Cesares, a supremacia da França sob o reinado de Luiz XIV, o genio guerreiro e avassalador de Napoleão, tudo empallidece deante da apothese deslumbrante do Imperio Britannico, dominador potente na Europa, America, Asia e Africa e senhor absoluto dos mares.

Representantes de todas as partes do mundo prestaram homenagem á sua grande soberana e a revista de Spithead, epilogando com um caracter todo festivo, as festas do jubileo, demonstra ao mundo a potencia formidavel d'essa nação. *Ave Victoria* proclamaram os pregoeiros reaes saudando a entrada da Rainha Imperatriz na velha City. — *Ave-Victoria* responderam, nos quatro cantos do Universo, os milhões de subditos de Sua Graciosa Magestade.

* * *

OJOVEM rei de Hespanha, Affonso XIII quando pela sua maioridade tiver de assumir as responsabilidades do poder, terá certamente a mais profunda gratidão e o mais sincero reconhecimento a essa admiravel Rainha, que defendendo desde o berço o throno do seu filho, soube alliar o amoroso carinho de mãe extremosa, ao criterio patriótico e perspicaz de uma Regente superior e intelligentissima.

A guerra de Cuba que impoz ao throno, ao governo e a toda a nação espanhola sacrificios inculcaveis, parece ainda reservar bem tristes e desagradaveis surpresas.

A heroica patria do Cid na lucta patriotica que ha tres annos sustenta, ainda não conseguiu a pacificação final da sua mais bella colonia. São de todo desconhecidas as verdadeiras intenções do presidente Mac-Kinley e qual a attitude que o governo dos Estados-Unidos assumirá, na ultima phase d'essa lucta.

Não é sómente do outro lado do oceano que o

senhor Canovas encontra novas e graves difficuldades. Mesmo na Hespanha, independentemente da irritação provocada pelas declarações e pelas fanfarronadas dos Yankees, os partidos politicos impacientão-se da obstinação do governo em querer continuar uma politica funesta, cujos resultados não compensam os sacrificios da nação, sem contar o discredito que recahirá sobre a Hespanha como potencia colonial. N'um discurso ultimamente pronunciado em Madrid pelo senhor Sagasta, *leader* dos liberaes, com o caracter de um verdadeiro manifesto á nação, foi declarado que esse mesmo partido pronuncia-se francamente por uma politica de sympathias e de conciliação, abandonando a lucta armada e as medidas de represão severa adoptadas pelo governo militar organizado em Cuba pelo general Weyler. — Mas é preciso que os interessados se compenetrem que esse é o maximo das concessões possiveis: nenhum dos partidos politicos da Hespanha aceitará uma intervenção americana que tenha a pretensão de deliberar sobre a independencia de Cuba.



AFFONSO II
Rei de Hespanha.

* * *

SUA excellencia Mac-Kinley, novo presidente dos Estados Unidos acaba de sancionar a annexação da ilha de Hawaí, que fará de hoje em deante parte dos territorios da grande republica. Ha quatro annos

alguns negociantes americanos resolveram por uma revolta de balcão destronar a soberana d'esse paiz, proclamando a republica como forma de governo e elegendo um dos seus como presidente da mesma.

Um vaso de guerra da União que ahi se achava desembarcou forças para sustentar o movimento e garantir a estabilidade do novo governo. A rainha protestou energicamente, perante os consules estrangeiros, enviando ao mesmo tempo uma mensagem ao presidente Cleveland na qual fazia apello á sua imparcialidade politica e pedia justiça contra a expoliação de que era victima. Sua Excellencia fez ouvidos de mercador e desinteressou-se da questão.

Hoje, o seu digno successor o senhor Mac-Kinley

como uma das primeiras e mais importantes deliberações da sua politica exterior, sanciona, contra todas as leis fundamentaes de uma nação democrata, um acto cuja consequencia representa o maior attentado que possa ser practicado contra a independencia de um povo, ainda que esse seja o de Hawai. Sua Excellencia assim procedendo, não ignorava por certo o compromisso de 1843, que garantio a esse archipelago o direito de viver independente e livre. A Inglaterra declara que as cousas precisam ser claramente explicadas e que essa annexação é uma falta de boa fé e uma violação patente dos direitos conferidos por um tratado; e o Japão, em um protesto bem mais eloquente que o da pobre soberana victimada, recusa-se a reconhecer semelhante estado de cousas, como altamente prejudicial ao commercio e aos interesses particulares de trinta mil japonezes que ahi vivem.

* * *

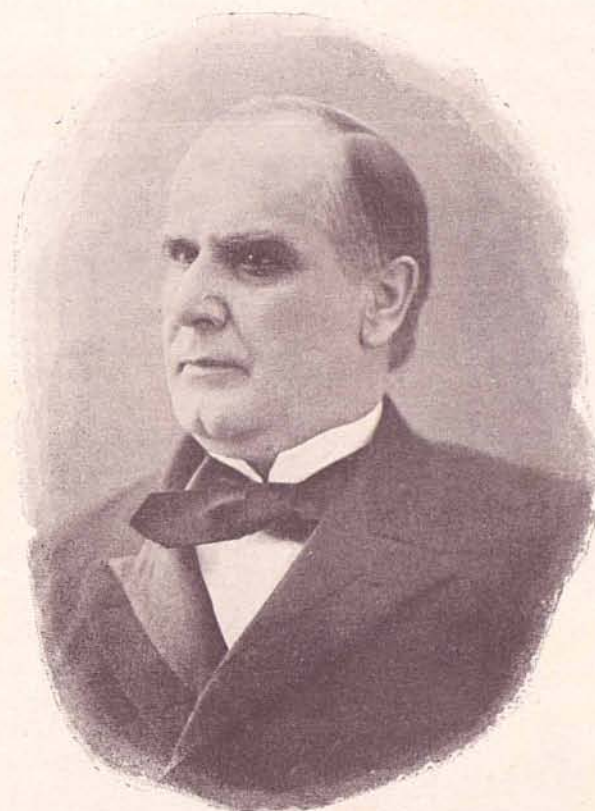
O PRESIDENTE da Republica Francesa recebeu, em principios d'este mez, do imperador Nicoláu II uma carta autographa convidando-o a visitar a sua capital e os seus estados. A viagem do senhor Félix Faure a São-Petersburgo constituirá um d'esses actos de cortezia internacional, cuja importancia na politica moderna se torna maior de dia para dia. Esta visita será ao mesmo tempo para o povo russo uma prova eloquente da boa harmonia que existe entre os dous paizes. Está pois oficialmente decidida para a segunda quinzena de Agosto, esta decantada viagem, que constituirá um dos grandes acontecimentos da politica moderna. O sonho dourado acariciado pelo espirito dominador de Bonaparte, vae ser tranquillamente realizado pelo burquez e pacato presidente Faure.

* * *

A PASSAGEM do principe de Napoles por Paris em caminho para as festas de Londres começará naturalmente uma era de reconciliação entre Montecitorio e o caes d'Orsay.

O herdeiro da corôa de Saboia, se bem que viajando incognito, não dispensou uma curta e attenciosa visita ao Presidente da Republica e um pequeno passeio aos Invalidos, onde Sua Alteza Real passou alguns instantes, em muda contemplação, diante do tumulo de Napoleão. — Não deixa de ter um pouco de philosophia essa *tournee* do futuro rei da Italia, que sae do Elyséo para entrar nos Invalidos e invoca Napoleão depois de palear com o senhor Faure. Foi naturalmente uma simples digressão de *touriste* original que prefere visitar o monumento do legendario guerreiro a dispender o seu limitado tempo nas longas galerias do Louvre. Na verdade a estada de Sua alteza em Paris não é mais do que a confirmação de uma politica de conciliação e boa harmonia, que se affirma de dia a dia entre a Italia e a França.

* * *



MAC-RINLEY
Presidente dos Estados Unidos.

SETENTA longos dias são passados depois do armistício de Domoikos e a resposta do Sultão para a conclusão da Paz ainda se faz esperar. É realmente incrível que a Turquia tenha, durante esse longo tempo, opposto uma formal recusa ás imposições das potencias. Os soldados de Edhem-Pachá acabam a toda a pressa as colheitas nas ricas planicies da Thessalia, a Grecia ameaçada de uma formidavel indemnisação, é obrigada a sustentar todo um exercito em pé de guerra e os embaixadores europeus,

exhaustos e acabrunhados por essas conferencias interminaveis e inuteis, ainda não conseguiram de Abd-Ul-Hamid a menor concessão para a conclusão da Paz. Os diplomatas do Occidente já esgotaram todos os recursos para uma solução pacifica; conferencias, circulares e ultimatus tudo naufraga deante da má vontade do Sultão e da sua camarilha. Resta pois á Europa para salvar a sua dignidade e a de seus representantes, como ultima e efficaz providencia a tomar, despertar nas margens do Bosphoro, pelos seus couraçados, o Pachá que dorme.

M. BOTELHO.

NOTICIARIO ILLUSTRADO

O MONUMENTO DE VICTOR-MANUEL EM NAPOLES

Nos fins de Junho inaugurou-se em Napoles a estatua de Victor-Manuel.

O monumento é de uma incontestavel belleza. A figura do grande fundador da moderna Italia, é soberba de movimento e de expressão.

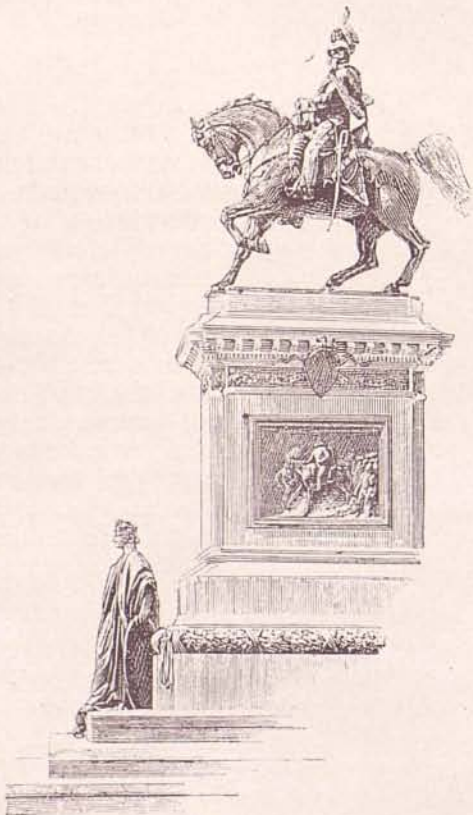
Na sua face de bronze está escripta a indomavel energia do companheiro de Garibaldi e do audaz vencedor de Pio-Nono.

O povo italiano deverá meditar, deante da estatua do grande rei. Antes de tudo Victor-Manuel foi um monarcha latino, e n'estes ultimos tempos a patria do Dante tem esquecido os povos irmãos, para se abalançar em custosas e inexplicaveis allianças, que vão arruinando o seu thesouro e compromettendo o seu prestigio.

Das costas do azul Mediterraneo, partiam n'outros tempos, a espada que domina e o verbo que allumia.

Hoje a espada e o verbo veem do norte. E enquanto os anglo-saxões triumpham, os germanos se preparam, e os slavos se unificam, as nações latinas, separadas, esperam inquietas!...

Aonde estará o Victor-Manuel d'esta outra unificação?!...



MONUMENTO A VICTOR-MANUEL EM NAPOLES



BARNATO, O REI DO OIRO

BARNATO

O Rei do ouro de tão ruidosa, mas quão passageira celebridade, suicidou-se ha tempos em frente dos Açores deitando-se ao mar, do alto do paquete em que viajava, n'um acesso de febre cerebral.

Barnato tinha chegado ao seu apogeu, e nunca o proverbio latino *audaces fortuna juvat* foi tão completamente justificado.

O homem que teve na sua mão uma das maiores fortunas modernas, foi mais do que um audacioso, foi um aventureiro.

Ao sair da escola Barnato deu n'um vadio, depois n'um palhaço, mais tarde n'um creado de bordo, depois, já em Africa, n'um director de circo equestre!

Como se fez em seguida a sua fortuna?

Ao que parece, nas especulações das minas de ouro. O que é certo é que ha poucos annos, ou antes ha poucos mezes, o seu nome appareceu nos jornaes, cercado de uma aureola e de um titulo.

A aureola era a sua felicidade de especulador; o titulo era a especulação da sua felicidade. Os que o proclamavam, levantavam-no como um estandarte, como um *rèclame*, para engodar as ambições dos jogadores e fazer subir o valor das acções mineiras...

Barnato deslumbrou-se, delirou, e acabou por enlouquecer.

Extranha lição das coisas!

Auri sacra fames.

IVETTE GUILBERT

HA dias casou, em Paris, Yvette Guilbert.
— A Yvette Guilbert das cançonetas?
— Essa mesma.

— Mas então?!

— Então?... Esta cigarra tem uma alma de formiga.

A cantar as canções de Xanrof, e de Bruant, com a sua voz fraca e aspera de garoto, com o convencionalismo dos seus gestos, Yvette passou a Mancha, atravessou o Oceano, navegou de successo em successo, com o fito unico de arranjar um ninho, um *home*, com casseroles de cobre na cozinha, couves no jardim, e uma vacca na arribana.

No fundo do seu parisiense canalha, havia uma pacata aspiração de provinciana e uma accentuada predilecção pelas coisas positivas. O seu marido é um chimico...

— Mas então o genio, o publico, a critica, Sarcey?



IVETTE GUILBERT, a divette parisienne.

— Não se desole. Yvette não deixou a rampa, nem sequer durante o tempo da lua de mel, um tempo portanto em que de ordinario pouco se canta e no *Concert des Ambassadeurs*, n'estas asphixiantes noites de estio, ella lá está, a cigarra parisiense, desfiando a rir a philosophia d'este fim de seculo, todo de chalaça, de abandono de principios, de ridiculização de sentimentos, de renunciamento ás illusões.... Porque o successo de Yvette é o successo do nosso proprio cynismo. Da scena, ella atira-nos á cara os nossos vicios, a degenerescencia do nosso organismo, a perigosa elasticidade da nossa moral e como ella é superiormente intelligente, ella é a primeira a rir de nos ter feito rir e de nos ter feito chorar...

Do comico dos nossos amores, da superficial rigidez da nossa virtude, do egoismo feroz das nossas relações, fez ella uma fortuna, comprou uma casa, estabeleceu o seu futuro...

— Ora ahi está uma cantora, que não se fiou em cantigas...

O ABBADE KNEIP

O ABBADE Kneip morreu.

Os que em todo o mundo seguiam o seu tratamento, vão soffrer um grande abalo na sua fé. O santo desapareceu, quem sabe se o milagre continuará?



O ABBADE KNEIP

O methodo Kneip é fundado, em simples principios d'hydroterapia que por si só justificam e explicam as numerosas curas realisadas. Mas em muitas d'estas, a confiança no novo remedio, a convicção anticipada de uma cura certa, concorriam como poderosos factores.

Os que podiam iam a Woerishofen, como os catholicos vão a Lourdes; e quantos não curava o excellente abbade, com a historia da sua propria cura, revelação do seu methodo e inicio da sua propaganda!

« Eu era aos dezoito annos — repetia elle pela millionessima vez — um rapaz rachitico, tuberculoso e desalentado. Um dia que eu esmiuçava como de costume um velho alfarrabio, na bibliotheca do seminario, descobri o methodo hydroterapico. que hoje tem o meu nome — e que verdade se diga não é meu. Pelo desejo de tudo experimentar, comecei a fazer o tratamento ou antes a hygiène indicada pelo precioso e desconhecido autor e os resultados aqui os veem os senhores!... Já lá vão mais de sessenta; e a saúde, graças ao Senhor, não mais me faltou. »

E os doentes, no dia seguinte, com os pés descalços sobre a relva humida, rejuvenescidos pela frescura matinal, comparavam o abbade rachitico de outros tempos ao robusto velho de hoje, e convenciam-se da proxima e completa cura.

O abbade Kneip morre com setenta annos, deixando uma memoria sympathica e abençoada.

AO POLO NORTE EM BALÃO

EMQUANTO escrevo estas linhas, nas silenciosas paragens do norte, por sobre os gelos desertos e infindos, um balão navega, docemente, illuminado pelo sol immovel no horizonte.

Esse balão, é o *Adler*, do engenheiro suecco André, mais um audaz explorador dos regiões articas, mais um corajoso viajante que procura decifrar o enigma da esphinge de gelo, que ha seculos attrahe o desejo e a curiosidade dos homens.

O projecto do engenheiro André, é extremamente racional e Deus sabe se, a esta hora, do alto da sua confortavel barquinha, elle está observando o panorama

d'esse ponto desconhecido do globo, cuja descoberta tantos esforços e tantas victimas tem custado.

N'uma viagem scientifica que fizera ás terras boreaes Andrée notára que a uma certa epocha do anno, nos mezes de junho e julho, um vento fraco mas persistente soprava na direcção do norte.

E então veiu-lhe a ideia de aproveitar esta corrente aerea, como Nansen pensára aproveitar a corrente maritima. De volta á Suecia, tendo exposto o seu plano á sociedade de geographia, Andrée teve a felicidade de encontrar capitaes e ajudas para a realisação da sua ideia; e no anno passado, tendo feito construir o seu balão em França, partia com uma expedição até ao extremo norte para de lá esperar o momento das correntes favoraveis.

N'esse anno os ventos sopraram contrarios.

D'esta vez porem Andrée foi mais feliz e ha oito dias, largando amarras, partiu com o seus companheiros, na direcção do Norte.



ANDRÉE

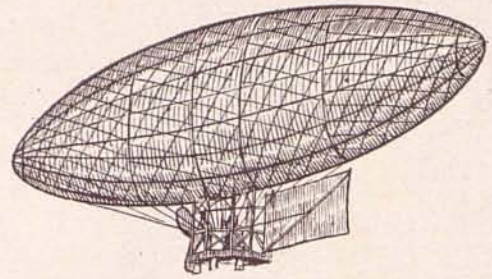
O organisador da expedição ao Polo Norte em balão.

Persistiria o vento na desejada direcção?

Uma brusca mudança athmospherica, levaria os des-temidos aereonautas a outro destino e a outras terras?

Ou uma desolante accalmia, immobilisaria os aereostato sobre o deserto de gelo inhospito e fatal?

Esperemos que o destino d'esta vez seja propicio, e que o valente sueco, possa fazer fluctuar a pavilhão do seu paiz, sobre a crista dos ice-bergs, ou acima das aguas nunca d'antes navegadas que rolam sobre o polo boreal do mundo.



O balão do Dr. Wolffert.

A CATASTROPHE DE BERLIN

Num esplendido dia do mez passado o professor allemão o Dr. Wolffert, experimentava um balão dirigivel da sua invenção.

Este aereostato fusimorme devia mover-se no espaço, por meio de uma poderosa e leve machina a petroleo, feita especialmente para esse fim.

Esta tentativa de navegação aeria, terminou por uma espantosa catastrophe.

No meio de uma affluencia consideravel de amigos e curiosos, o balão subiu magestosamente na athmosphera tranquillã, e ás aclamações de todos os espectadores respondia o inventor por um sorriso de confiança.

Subito, a uma altura de mil metros, um clarão apparece em torno do balão e bem depressa a multidão anci-osa vê o aereostato descer rapidamente, envolto de grossas chammãs.

Todos acorrem e bem depressa sobre o solo, jazem apenas restos carbonisados do inventor e do seu invento...

Na febre intensa da vida actual, esta catastrophe passou quasi desapercibida e poucos foram os que tiveram um pensamento de tristeza e reconhecimento a dar á memoria d'este novo martyr da descoberta, que um dia proximo, fará a felicidade dos povos.

LUDOVICUS.



ELEGÂNCIA E MODA



1. Corsage-Tailleur em panno verde com *empiècement* em setim azul formando bordure. Galão de *passementerie*. — 2. Corsage-blouse, com golla bordada. Aberto na frente sobre um plissé de musselina. — 3. Corsage-Tailleur, com bordados de *passementerie*, caindo em pregas na frente; o collete é formado d'um grande *jabot* de musselina. — 4. Corsage, em veludo bordado, formando duas bandas á frente e caindo sobre a cintura. O resto do corsage em *foulard*.



Guiga de oito remos da *Société de la Basse-Seine*, vencedora da regata de Asnières.

SPORT

AS REGATAS DE ASNIÈRES

No domingo 20 de junho, a União das Sociedades de Remadores Francezes, organizou no Senna, em frente de Asnières, uma grande regata internacional.

Esta importante festa nautica, uma das melhores que tem sido dadas nos arredores de Paris, atrahira á pitoresca localidade uma grande multidão, que nas margens do rio, saudava os vencedores com entusiasticas ovações.

A regata compunha-se de differentes series : guigas a 2 a 4 e a 8 remos, e em todas ellas os concorrentes mostraram muita resistencia e muita energia.

A serie mais interessante foi porem a das guigas de 8 remos, entre a *Société de la Basse-Seine* e o *Rowing-Club*, serie que se terminou pela brilhante victoria da *Société de la Basse-Seine*.

A EXPOSIÇÃO CANINA EM SPA

RECENTEMENTE abriu em Spa a exposição Canina, que todos os annos, por esta epocha, se inaugura com grande successo. Esta exposição promovida pela Sociedade Real de Santo-

Huberto, tem como fim principal o aperfeioamento da raça de cães de caça, distribuindo muitos premios e contribuindo assim para a criação das melhores matilhas.

Este anno a exposição é verdadeiramente interessante



Cão de Caça russo. — 1º Premio da Exposição de Spa.



e notavelmente concorrida, tendo tido particular successo os cães de caça russos, entre os quaes figura o que a nossa gravura representa.

O STORMBOOT

Aos amadores de caça é particularmente destinado o singular apparatus que as nossas gravuras representam e que passamos a descrever. O Stormboot, é como se vê, uma canôa portatil em



caoutchouc, ou melhor um grande fluctuador, terminado na sua parte inferior por dois grandes saccoes onde entram as pernas da pessoa que o emprega. A estabilidade é d'este modo completa, e a liberdade dos movimentos extraordinaria. O seu modo de funcionamento é extremamente simples e rapido.

Quando vazio, o *Stormboot*, pode-se enrolar e apertar com umas correias, de modo a não ter mais volume do que o d'uma pequena mala que pode pôr-se a tira-collo.

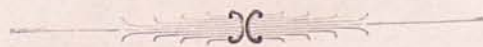
Chegando á margem de um lago ou de um rio, que se queira atravessar, basta desenrolar o *Stormboot*, encher



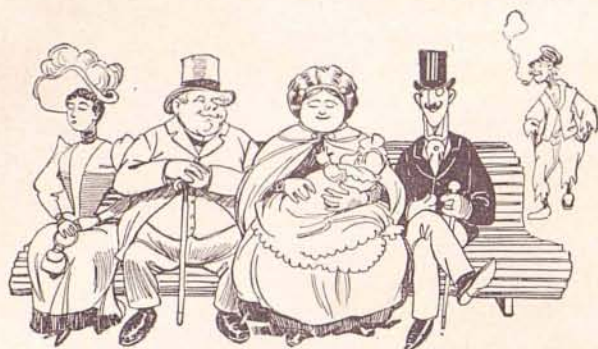
o fluctuador de ar, por meio dos tubos especiaes, enfiar o apparatus pelas pernas, como se se calçassem grandes botas e entrar resolutamente na agua, onde logo docemente se fluctua, e onde se navega em todas as direcções por meio do movimento das pernas, que servem de remos.

Comprehende-se pois a commodidade de tão simples apparatus, para a caça das aves aquaticas, ou para a pesca dos peixes que vivem afastados das margens, e explica-se o successo que elle tem tido, nos varios paizes onde já tem sido experimentado.

S. MARCELLO.



PAGINA COMICA



1



4



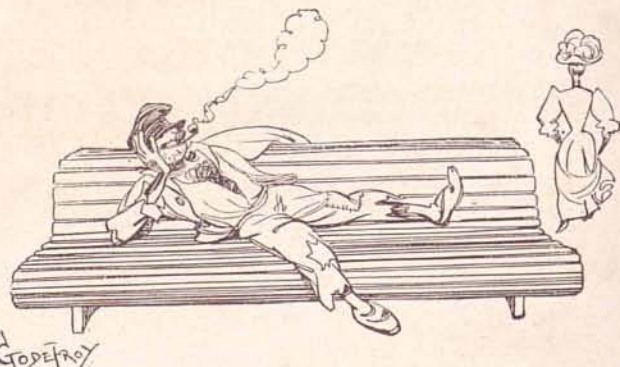
2



5



3



6

UM ADMIRAVEL CACHIMBO

29 e 31

Passage Jouffroy

PARIS



29 e 31

Passage Jouffroy

PARIS

AU ROI D'YVETOT

GUILLAUMOT

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1889

Casa especial de Roupa Branca para homens

GRANDE SORTIMENTO DE

Camizas - Gravatas - Meias - Ceroulas e Camizas de Meia
Luvas - Lenços - etc.

CASA AMME

ARMAND

SUCCESSOR

6, rue de la Chaussée-d'Antin, 6

PARIS

VESTIDOS E MANTOS

PELLES

ARTIGOS DE FANTASIA

PARA SENHORAS

ENXOVAES

ROUPA BRANCA



Esta casa é principalmente conhecida por vender artigos de muito gosto e por possuir como freguezia a alta sociedade espanhola e americana.



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Le Gérant : E. LANCE.

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL		FRANÇA e outros paizes da União Postal.		PORTUGAL	
Um anno.	50\$ 000	Um anno	40 francos	Um anno	10\$ 000
6 mezes.	30\$ 000	6 mezes.	24 "	6 mezes.	5\$ 500
Numero avulso.	2\$ 500	Numero avulso.	2 "	Numero avulso.	500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro	LAEMMERT E C ^{as} .	Rua do Ouvidor.
São Paulo	CASA GARRAUX.	Rua de 15 Novembro.
Pernambuco	LAEMMERT E C ^{as} .	Rua Marquez de Olinda.
Pará	LIVRARIA COMMERCIAL.	Rua João Alfredo.
Pelotas	CARLOS PINTO E C ^{as} .	
Santos	WEINMANN ET C ^{as} .	
Campinas	LIVRARIA ESCOLAR.	
Ceará	ALFREDO GENOUX.	
	JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.	

PORTUGAL

Lisboa: LIVRARIA PEREIRA, *Rua Augusta*. — LIVRARIA GOMES, *Chiado*. — LIVRARIA RODRIGUEZ — *Rua Aurea*
Porto: LIVRARIA LELLO E IRMÃO, *Rua do Almada, 18*.

PARIS

Escriptorio e Administração
48, rue de Laborde
LIBRAIRIE NOUVELLE
Boulevard des Italiens

LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C^{as}
11, Queen Victoria Street

A REVISTA MODERNA acaba de obter do imminente escriptor EÇA DE QUEIROZ, o direito de publicação de um grande romance inédito:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PRADO AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente pois, a REVISTA MODERNA começara a publicação — com numerosas e ricas illustrações — do grande romance:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

POR

EÇA DE QUEIROZ